

Renato Suttana

Marchemos para lá!

(Peça em um ato)



http://www.arquivors.com/renato_marchemos.pdf

2016

Copyright © Renato Suttana, 2016

Todos os direitos reservados em língua portuguesa.

A distribuição deste livro é gratuita e se destina ao uso privado. A obra escrita nele contida não poderá ser adulterada ou reproduzida, no todo ou em parte, para quaisquer fins que não o especificado, sem o prévio consentimento de seu autor.

Publicado por
O Arquivo de Renato Suttana

Link para este livro eletrônico:
http://www.arquivors.com/renato_marchemos.pdf

Marchemos para lá!

Personagens

Solimar
Rolando
Elpídio
Almerinda
A Mãe
O Jardineiro
O Carteiro

PRIMEIRO QUADRO

Local deserto, com uma parede ao fundo. Solimar e Rolando estão sentados de frente para a parede, com as costas voltadas para a cena. Solimar tem um retalho de jornal nas mãos.

PRIMEIRA CENA

SOLIMAR

O presidente dos Estados Unidos declarou que quer cooperar com a China... hum... (lê) na segurança cibernética. Esse tema, que gerou atrito entre os dois países...

ROLANDO

Presidentes declaram muitas coisas.

SOLIMAR

Já o presidente da China... O nome do homem é Xi.

ROLANDO

Presidentes só existem para fazer declarações.

SOLIMAR

Sim. O presidente da China, o Sr. Xi...

ROLANDO

Deve ser bom ser presidente. Você se levanta pela manhã, veste as calças, põe as meias, o paletó, os sapatos, e vai para algum lugar onde existe uma cadeira.

SOLIMAR

Sim. O presidente da China, o Sr. Xi...

ROLANDO

Deve ser muito bom. Você se levanta pela manhã e vai para um lugar onde existe uma cadeira, e então faz uma declaração. (*Pausa. Pensativo*) Pensando bem, nunca declarei nada em minha vida. Não tenho nada a declarar. Não faço declarações.

SOLIMAR (*olha para o jornal*)

Mas o Sr. Xi parece otimista com a possibilidade dessa cooperação. Ele também declarou que...

ROLANDO

O planeta Júpiter tem cento e cinquenta mil quilômetros de diâmetro. Já imaginou? Sua

massa é de aproximadamente 320 vezes a da Terra. Nem o presidente dos Estados Unidos nem o Sr. Xi podem declarar nada sobre isso, pelo menos, nada que tenha qualquer razão de ser.

SOLIMAR (*dobra o jornal*)
Certamente.

ROLANDO
O diâmetro do Sol é de aproximadamente um milhão e quatrocentos mil quilômetros. Não adianta os presidentes declararem nada sobre isso.

SOLIMAR
Não adianta.

ROLANDO
Nunca declarei nada em toda a minha vida. Sabia? Não tenho declarações a fazer. Para que fazer declarações? Eu, fulano de tal, Rolando de tal, declaro que... Ora!

SOLIMAR
Como se vai até os Estados Unidos?

ROLANDO (*faz uma careta*)

É... (*Dá de ombros*) Não faço ideia. Você terá que atravessar a China, talvez. Se estiver em Portugal, por exemplo, terá que atravessar a Espanha, os Pirenéus, a França, a Alemanha, a Polônia — que sei eu? Talvez a Rússia, passando por Yakutsk; terá que chegar ao Estreito de Bering, descer pelo Alasca e passar pelo Canadá. (*Pensativo*) Para atravessar o Estreito, precisará de um barco. Se você não tiver um barco, meu amigo, não poderá chegar ao outro lado e perderá a viagem.

SOLIMAR

E se eu estiver no Brasil, por exemplo?

ROLANDO

Se o seu plano é viajar a pé...

SOLIMAR

Claro. Não temos dinheiro para comprar passagens de avião.

ROLANDO (*após um pensamento*)

De fato, nunca tivemos. Então, pode ser. Pode-se ir pela Colômbia, atravessando a Amazônia e chegando à Nicarágua e ao Panamá, e atravessando o México... A fronteira dos Estados Unidos com o México é bem extensa, mas não

tão extensa quanto a fronteira com o Canadá. Se você estiver em Montevideú, terá que atravessar o Brasil ou a Argentina (na hipótese de ter ido fazer alguma coisa em Montevideú).

SOLIMAR (*meditativo*)

Seria bem difícil atravessar a Amazônia.

ROLANDO (*com um suspiro*)

Seria impossível.

SOLIMAR (*suspira*)

Mas há outros caminhos. A propósito, quantas horas são?

ROLANDO (*dá de ombros*)

Não sei. Talvez oito, talvez nove. Ou dez. Seria bom se fossem onze.

SOLIMAR

Seria muito bom.

ROLANDO

Seria excelente.

(*Pausa*)

SOLIMAR

Seria excelente. (*Pausa. Põe a mão no bolso e retira um trapo de papel rasgado e amarrado*) Ah, sim, aqui está. A carta de Monterrey.

ROLANDO
O convite.

SOLIMAR
Talvez uma convocação.

ROLANDO
Um convite. Trata-se de um convite.

SOLIMAR
Está escrito “convocação”.

ROLANDO
Está bem, uma convocação.

SOLIMAR (*dá de ombros*)
Seja. A convocação do Sr. de Monterrey. “O Sr. de Monterrey convoca...” Quando acorreremos a esta convocação?

ROLANDO
Quando tivermos dinheiro ou quando tivermos tempo.

SOLIMAR

Nunca teremos dinheiro, e talvez nunca tenhamos tempo. Deveríamos ir a pé. Acho que nem é tão distante assim.

ROLANDO *(com um esgar)*

A verdade é que não sabemos onde é.

SOLIMAR

Pois seja. Mas poderíamos ir a pé.

ROLANDO

Não sabemos o que ou quem é Monterrey, e não sabemos sequer onde ele mora.

SOLIMAR

Está escrito aqui: “Convocação.” Devíamos ir.

ROLANDO

Talvez. Mas não temos dinheiro.

SOLIMAR

É para lá que devíamos ir.

ROLANDO

Escute...

(Pausa)

SOLIMAR

Está escrito: “O Sr. Ángel Carlos de Monterrey, por intermédio de seu representante, convo-
ca...”

ROLANDO

Não há ninguém que se chame Ángel Carlos.
Ninguém mais se chama Ángel Carlos hoje em
dia.

SOLIMAR (*confuso*)

Maybe. Pode ser que se trate de um homem
muito velho — de um homem velho, grisalho e
respeitável.

ROLANDO

Sempre que se diz “velho” se diz “respeitável”,
o que no final dá na mesma e não tem signifi-
cado nenhum. (*Pausa*) Não conheço nenhum
velho que seja respeitável.

SOLIMAR (*pensativo*)

Se ao menos Chachá não tivesse comido a
parte em que se podia ler o endereço... Mas
está tudo borrado a esta altura. Deixe ver se
me lembro...

ROLANDO (*com um bocejo*)

Não faria a menor diferença. (*Olha para Solimar*) É como tenho dito sempre.

(*Pausa*)

SOLIMAR

Então? O que você tem dito sempre?

ROLANDO

Um homem é um homem, e coisas desse tipo.

SOLIMAR (*coça a cabeça*)

De qualquer maneira, devíamos ir. Há motivos para ir, quer dizer, deve haver motivos para ir. Ir, não importa como: ir, apenas. Compreende? Mas o fato é que...

ROLANDO

São coisas em que se pode pensar com mais calma depois. Por enquanto, o que temos de positivo é o seguinte: não há dinheiro, não temos dinheiro para comprar passagens de avião, e não temos dinheiro para comprar passagens de trem, nem de ônibus.

SOLIMAR (*com um muxoxo*)

Talvez não seja necessário comprar passagens de avião, nem de trem, nem de ônibus. Talvez

fique bem ali, na próxima esquina, ou numa cidade vizinha qualquer, ou num país vizinho. A um país vizinho sempre se pode ir caminhando, e com os próprios pés — veja bem —, sem necessitar de um avião. Compreende? O seu problema é insistir nessa ideia da passagem... *(Pausa curta. Pigarro)* Se ao menos Chachá não tivesse comido a parte em que se podia ler o endereço... Mas está tudo borrado a esta altura.

ROLANDO *(fingindo zanga)*

É? Pois bem: e se for nos Estados Unidos? E se for em Yakutsk? Sabe onde fica Yakutsk? Sabe que terá de percorrer não sei quantos mil quilômetros desde Moscou até a Sibéria para chegar a Yakutsk, e que se for de trem você levará não sei quantos dias? Sabe tudo isso?

SOLIMAR

Não sei. Não sei. Mas a mim me parece que a esta altura você não quer ir.

ROLANDO *(move a cabeça, impaciente)*

Não é bem que eu não queira. Porém há tantas coisas para fazer antes de irmos, tanta ocupação, tanta tarefa para cumprir. Além do mais, não tenho sapatos para ir, conforme a

esta altura você já deve ter observado. Esta é a verdade.

(Pausa)

SOLIMAR

Então? E quanto ao que você tem dito sempre?

ROLANDO

Não importa.

(Pausa)

SEGUNDA CENA

ELPÍDIO *(entra, segurando uma caixa e tateando o próprio corpo à procura de alguma coisa)*

Onde foi que o deixei?

(Solimar e Rolando se voltam pela primeira vez para olhar a cena. Elpídio continua a procurar)

ROLANDO

Perdeu alguma coisa, senhor? Alguma coisa que nós possamos ajudá-lo a encontrar?

ELPÍDIO (*espantado*)

Olá. Como têm passado?

SOLIMAR

Muito bem, graças à nossa sorte.

ROLANDO

Muito mal, graças ao azar.

SOLIMAR

Muito bem, Sr. Elpídio. Por acaso perdeu alguma coisa? Alguma coisa que vale a pena procurar?

ELPÍDIO (*distraído*)

Creio que sim. Deixe ver...

*(Solimar e Rolando se sentam de frente para a
cena)*

ROLANDO (*irônico*)

Não há pressa.

ELPÍDIO

Acontece que eu ia ao correio despachar esta correspondência, e acabo de perder a anotação do endereço, se é que a trouxe comigo.
(Procura)

SOLIMAR

Muito grave. E hoje o correio está fechado, Sr. Elpídio.

ELPÍDIO (*novamente espantado*)

O que você diz?

ROLANDO (*malicioso*)

Que o correio está fechado. E pode ser que nunca mais volte a abrir.

ELPÍDIO

Não brinque. É assunto sério, muito grave.

ROLANDO

Com certeza. Mas acontece que o correio não funcionará no dia de hoje, nem no de amanhã, nem se sabe quando voltará a abrir, porque o único funcionário morreu ontem à noite. (*Para Solimar*) Não é exato, Solimar?

SOLIMAR (*confuso*)

Não sei. Pode ser. Não me chegou essa notícia.

ROLANDO (*com um trejeito*)

Não lhe chegou essa notícia...

ELPÍDIO

Isso é um grande problema, verdadeiramente um grande problema. *(Coça a cabeça)* E agora? O que faço? Se não envio a correspondência, terei um enorme prejuízo.

ROLANDO

Pode ir lá conferir, se não acredita em nós.

ELPÍDIO

Claro que acredito em vocês.

ROLANDO

É verdade que o projeto da máquina — daquilo que chamam de máquina —, em que o senhor anda empenhado, avançou tremendamente nos últimos meses?

ELPÍDIO

Muito. Muito. Avançou muito. Mas acontece que, exatamente agora que eu estava para dar o último passo...

ROLANDO

Para dar a última cartada, Sr. Elpídio, ou a última laçada, com toda a certeza.

ELPÍDIO

Mas acontece que agora as coisas ficarão mais difíceis — mais difíceis até do que jamais estiveram, muito mais até do que jamais se poderia imaginar que elas estivessem.

ROLANDO

Hum... Que grande pena. Então as suas asas não se abrirão.

SOLIMAR (*cortês*)

Já cogitam até, por aí, que, se a sua máquina funcionar, o senhor estará rico em pouco tempo.

ELPÍDIO

Fuxicos, besteiras. Ninguém pensa em enriquecer com uma coisa tão pequena.

ROLANDO

Não precisa desconversar, Sr. Elpídio. Entre nós não deve haver segredos ou, pelo menos, não há que ter segredos nem melindres com gente simples como nós.

ELPÍDIO (*olhando para a caixa, embevecido*)

Ah, sim. Não é quanto a vocês. O importante é que funcione. E agora este transtorno. Mas se

tudo der certo... (*Pausa*) Mas se tudo der certo a verdade é que terei ido embora muito antes que o gato mova uma pata.

ROLANDO

Uma grande e pesada pata, por certo.

SOLIMAR

Uma pata de gato, o senhor quer dizer.

ROLANDO

Uma pata, Sr. Elpídio?

SOLIMAR

Que tem a nos dizer sobre a tal máquina, Sr. Elpídio?

ELPÍDIO (*sorrindo*)

A vocês outros (*aponta*), propriamente, nada. (*Olha para a caixa*) É o mundo. É o mundo que me interessa, a distância, a altura, o infinito longe de todas as coisas.

ROLANDO

Certamente, Sr. Elpídio. Não duvidamos de que o longe é o que lhe interessa. A nós nos interessa também. Mas — e sobre a máquina? Vai bem? Conseguiu terminar o projeto?

ELPÍDIO (*balança a cabeça, impaciente*)

Vai e vai, vai bem, até. Há dias aconteceram alguns problemas, algumas coisas que insistiram em não funcionar. Então, foi preciso encomendar uma peça, que chegou diretamente da Alemanha. Levou exatamente quatro meses para vir... Imaginam? Mas chegou. Então, foi preciso ajustá-la no seu lugar, e foi quando se descobriu que... Acreditam vocês que a peça não tinha a medida correta?

SOLIMAR

Sr. Elpídio, se construísse um avião, quero dizer, se, em vez dessa traquitana misteriosa (dizem que está a tentar usar a água como combustível, é verdade?), construísse um belo avião, provavelmente — muito provavelmente — abandonaria cedo este lugar. Certo?

ROLANDO

Com a vantagem de ganhar a altura com muito mais facilidade.

ELPÍDIO (*impaciente*)

Não estou para zombarias hoje, rapazes. Mas vou dizer uma coisa a vocês: há muito mais

enigmas entre o céu e a terra do que imagina a sua distraída e juvenil bisbilhotice.

ROLANDO

Com toda a certeza, há enigmas demais. Mas não quanto à nossa curiosidade. Não vai satisfazer a nossa modesta curiosidade? (*Levanta-se*)

ELPÍDIO (*coloca a caixa no chão*)

Pode ser. Vejamos. (*Retira um lenço do bolso*)
Que desejam saber exatamente?

SOLIMAR (*levanta-se de um salto*)

Tudo, Sr. Elpídio. Exatamente tudo! Diga-nos...

ELPÍDIO (*olhando-o com curiosidade*)

Vejo que você andou crescendo bastante, rapaz. Se não me engano, ainda ontem era só um pirralho deste tamanho... (*Faz um gesto, mostrando a altura*)

ROLANDO

Sr. Elpídio, é o que eu digo sempre.

ELPÍDIO

E, quanto a você, exímio Rolando, também acho que tem passado tempo demais ocioso.

ROLANDO

Daremos um jeito em tudo isso depois, Sr. Elpídio. Por enquanto, fale-nos apenas da máquina. Do que se trata exatamente?

ELPÍDIO (*asoa-se no lenço e emite um suspiro*)

É uma grande pena, realmente uma grande pena que o correio não esteja aberto no dia de hoje, e que não se saiba quando voltará a abrir...

ROLANDO (*com ar fingido*)

Tem a nossa palavra, senhor. Bem, mas não deve ser tão grave que comprometa a tal ponto o seu projeto.

ELPÍDIO

Certamente, não é tão grave. *Sure*, como se diz. Mas acontece que tantos contratempos sempre nos atrasam, sempre nos causam aborrecimentos, transtornos que nunca terminam. E as ansiedades.

SOLIMAR

As ansiedades, Sr. Elpídio. Disso não duvidamos.

ROLANDO

Mas, então, o senhor dizia...?

ELPÍDIO

Meu caro e destemido Rolando, há que ter paciência — é o que eu digo sempre.

SOLIMAR

Ah, também o senhor o diz sempre!

ELPÍDIO (*sem compreender*)

Há que ter paciência e perseverança. E também coragem. E uma boa dose de ousadia, porque os contratemplos estão por aí, surgindo a cada instante, brotando como erva daninha em jardim abandonado.

ROLANDO

Sabemos disso.

ELPÍDIO

E, além disso, há que ter prudência também. E planejamento. Sem prudência e sem planejamento, não irão a parte nenhuma.

SOLIMAR

Bem. Mas, então, não nos dirá nada sobre a tal invenção?

ELPÍDIO

Sim, sim. Eu ia me esquecendo. Mas de que adianta? Processos. O que entenderão vocês de processos químicos? Uma coisa que se leva anos para aprender...

ROLANDO

Faça uma súmula, Sr. Elpídio. E não se preocupe, pois não somos tão leigos assim.

ELPÍDIO (*apanha a caixa no chão*)

Num outro dia. Num outro dia eu lhes explico tudo.

ROLANDO

Então nos deixará na sombra, com a mente ardendo em curiosidade?

ELPÍDIO

Que modo de falar! Não exagere tanto, meu caro, que tenho certeza de que não é tão vasta assim a sua curiosidade. Além do mais, mesmo que eu lhe explicasse a coisa toda nos mínimos detalhes, você ainda estaria a patinar na escuridão. Além do mais, não me consta que tenha estudado engenharia ou física em

nenhuma ocasião da sua curta vida — sem querer ser ofensivo.

ROLANDO

A verdade é que cresci muito rapidamente, e pode ser que o senhor — ou eu mesmo — tenha perdido algum detalhe da minha biografia.

SOLIMAR

Sr. Elpídio, estaremos sempre à espera e sempre prontos a escutar o que quer que o senhor tenha a nos contar.

ELPÍDIO

Com certeza, meu astuto Solimar.

SOLIMAR

Por acaso já ouviu falar do Sr. de Monterrey?

ELPÍDIO (*curioso, sobraçando a caixa*)

De que se trata?

SOLIMAR

Pensando bem, podemos fazer um acordo, Sr. Elpídio: o senhor nos ajudava e, naquilo que estivesse ao nosso alcance, nós o ajudaríamos também.

ELPÍDIO

Não compreendo nada.

ROLANDO

Ele pensa que o senhor está a construir um grande avião, no qual ele poderá embarcar e que poderá levá-lo a... a... *(Faz um gesto)*

SOLIMAR

Isso não importa agora. Importa que temos uma convocação. *(Retira o jornal do bolso, por engano, e o mostra a Elpídio)* Aqui está.

ELPÍDIO *(olha para o jornal)*

O que há nisto de especial? Você quer ir aos Estados Unidos?

SOLIMAR

Ah, perdão, perdões. Não é disto que se trata. *(Procura nos bolsos e retira o outro pedaço de papel)* Aqui está.

ELPÍDIO *(ajusta os óculos e lê)*

“O Sr. Ángel Carlos de Monterrey, por intermédio de seu representante, convoca...” Aqui não se pode ler. “Para fins de rever o...” Também aqui. “Em sua residência, na...” Também aqui não se pode ler. “... no dia trinta de junho.” Ve-

jamos. “Todos os convocados deverão...” Meu caro, vejo que você maltratou bastante esta coisa.

SOLIMAR (*para Rolando*)

Que dia é hoje?

ROLANDO

Vinte de maio, ou trinta de maio, ou talvez já estejamos em junho. Calendários são coisas que não me comovem.

SOLIMAR

A mim também não me comovem. De qualquer maneira, temos somente alguns dias.

ROLANDO

Trata-se de um convite, Sr. Elpídio. De um verdadeiro convite. E o que importa é que iremos até lá.

ELPÍDIO

Fazem muito bem, mas antes devem conhecer onde esteja esse “lá”.

SOLIMAR (*desanimado*)

Não importa. Importa que precisamos ir até lá.

ELPÍDIO (*com um suspiro*)

Todos precisamos ir, meu caro. Todos queremos ir a algum lugar. Eu mesmo não tenho querido outra coisa ao longo de toda a minha vida.

ROLANDO

Sim, todos precisam ir, mas nem todos têm um convite, como nós temos, e nem todos têm vocação.

ELPÍDIO (*sério*)

Um convite que, no caso, é bastante chinfrim e insatisfatório.

ROLANDO

Ora, ora. Ao contrário do senhor, que apenas quer ir e não tem sequer, para isso — para ir —, uma razão sustentável.

SOLIMAR

Temos uma convocação do Sr. de Monterrey, e é o que importa..

ELPÍDIO (*impaciente*)

Sabe-se lá quem é esse tal Sr. de Monterrey! Ora, quanto a mim, fiquem sabendo que... Mas que satisfações tenho eu a lhes dar? Vão, vão

cuidar de suas existências. Vão sonhar com esse tal de Monterrey e, se for o caso, acorram ao seu chamado, mas não duvidem dos meus motivos...

ROLANDO (*sério*)

Sr. Elpídio, é uma lástima que o senhor faça uma ideia assim tão mesquinha a nosso respeito.

ELPÍDIO (*impaciente*)

Não, não. Não faço ideia nenhuma, e não me interpretem mal. (*Balança a cabeça*) Mas por que estamos aqui a discutir sobre essas coisas? Vejamos: para remeter isto, eu poderia utilizar o correio da cidade vizinha... Bastaria apenas...

ROLANDO

Com isso, certamente, do senhor dará o seu pulo...

SOLIMAR

... e agarrará a sua pata.

ROLANDO

Ou achará o seu gato...

SOLIMAR

... e verá o seu gato mover a pata.

ELPÍDIO (*severo*)

Rapazes, desejo-lhes uma excelente tarde.
Logo, logo ouvirão notícias a meu respeito.
Passem muito bem.

ROLANDO

Passe bem o senhor também, Sr. Elpídio.

ELPÍDIO

Que assim seja. (*Sai*)

(*Pausa*)

TERCEIRA CENA

ROLANDO (*afetado*)

“Ouvirão notícias a meu respeito.”

SOLIMAR

E a tal máquina, que pode ser que não passe
de um blefe infantil, criado só para angariar im-
portância entre o povo?

ROLANDO

Não duvido nem um pouco.

SOLIMAR

Então, onde é que estávamos?

ROLANDO

No teu pedaço de papel.

SOLIMAR (*olhando para o papel*)

E...?

ROLANDO

E...?

SOLIMAR

“Os presidentes dos Estados Unidos e da China declaram que...”

ROLANDO

As declarações. Não tenho declarações a fazer. Nunca tive declarações a fazer. Nem que um presidente me mandasse fazer, eu faria uma declaração...

SOLIMAR

Você sabe que não se trata disso.

ROLANDO

Se não se trata disso, do que se trata então?

SOLIMAR

Da convocação.

ROLANDO (*com um bocejo*)

Pensaremos nisso depois.

SOLIMAR

Poderíamos tentar descobrir o lugar onde mora o Sr. de Monterrey.

ROLANDO

Monterrey não existe. Pode ser que você tenha dado com um naco de ficção — com a página de um romance, por exemplo — e o esteja tomando como se fosse a consumação ou o anúncio de um fato.

SOLIMAR

É pouco provável que seja só ficção.

ROLANDO

É pouco provável que você não esteja ruim da cabeça.

SOLIMAR (*amuado*)

Você trata o assunto como se fosse brincadeira. No fundo, porém, estou certo da gravidade da questão.

ROLANDO (*com um esgar*)

O Sr. de Monterrey não existe. E você não está bom da cabeça.

SOLIMAR

Fomos convocados. Durante toda a minha vida, nunca recebi uma convocação. E, agora que temos uma convocação, você quer tomá-la como se fosse uma ninharia, uma bagatela, uma questão de somenos.

ROLANDO (*com um bocejo*)

Então, o que me sugere?

SOLIMAR

Partirmos imediatamente.

ROLANDO

Não está bom da cabeça.

SOLIMAR

Que partamos imediatamente.

ROLANDO

Precisa de um médico.

SOLIMAR

Que devemos partir imediatamente.

ROLANDO

Então, partiremos imediatamente, se é o que você quer.

SOLIMAR

Sim. É o que eu quero.

ROLANDO

Não.

SOLIMAR (*mostra o papel*)

E disto? Que você tem a me dizer?

ROLANDO

Que o Sr. de Monterrey não existe. E que você não está bom da cabeça.

SOLIMAR

Não acho divertido que você caçoe de mim.

ROLANDO

Está bem. Partiremos imediatamente. Mas como descobriremos o endereço? Vasculhando as fezes de Chachá?

SOLIMAR

Daremos um jeito. Trata-se de uma convocação. E o que importa é que iremos até lá.

ROLANDO

Foi o que eu disse ao Sr. Elpídio.

SOLIMAR

A esta altura, não importa. Importa que iremos. Importa que temos uma convocação.

ROLANDO (*dirige-se para o fundo da cena e volta a se sentar de frente para o muro*)

“Trata-se de uma convocação, Sr. Elpídio. E o que importa é que iremos até lá.”

SOLIMAR (*dirigindo-se também para o fundo da cena*)

Daremos um jeito.

ROLANDO (*em tom de deboche*)

Daremos.

SOLIMAR

Sim, você verá.

ROLANDO

Então.

SOLIMAR (*senta-se e aponta uma direção qualquer*)

Depois, seguiremos naquela direção.

ROLANDO (*aponta outra direção*)

Naquela outra. É melhor.

SOLIMAR

Naquela.

(Silêncio)

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

Local deserto e sem identificação, com uma parede ao fundo, de pintura muito escalavrada e suja, onde existe, à esquerda, uma porta alta, fechada. Solimar está deitado ao pé da parede, como se dormisse. Entra Almerinda com uma vassoura e se põe a varrer o piso, o que continuará a fazer durante toda a primeira parte do quadro.

PRIMEIRA CENA

SOLIMAR (*ergue-se sobre o cotovelo*)

Perfeito. Esperei por você durante boa parte da noite, até a madrugada, mas você não veio.

ALMERINDA

Pois não devia ter esperado. Sabia que eu não viria.

SOLIMAR

Esperei, porque, mesmo sabendo que não viria, ainda acreditei que viria.

ALMERINDA

Sabe que nunca venho à noite e que, nas poucas ocasiões em que venho, só faço isso durante a manhã, porque tenho que providenciar a limpeza.

SOLIMAR (*senta-se*)

Sei de tudo isso. Mas achei que viria.

ALMERINDA

Você acha muitas coisas. Vive achando coisas. Acha até o que não está aí para ser achado.

SOLIMAR

Não seja rude.

ALMERINDA

Não estou sendo rude. É que você tem uma imaginação muito fértil.

SOLIMAR

Talvez. (*Olha para a porta*) Ouvi dizer que nos últimos meses você tem servido como arrumadeira ao Sr. Elpídio. É verdade?

ALMERINDA

Tenho servido a ele. Mas não por muito tempo.

SOLIMAR

Compreendo.

ALMERINDA

Não compreende. Não faz ideia do que estou dizendo.

SOLIMAR

Por que me trata assim?

ALMERINDA (*dá de ombros*)

Assim como?

SOLIMAR

Assim, com essa rudeza.

ALMERINDA

Não estou sendo rude. Digo apenas que tem uma imaginação fértil, que inventa fantasmas e enche a sua mente de falsas noções sobre a realidade.

SOLIMAR

Talvez. (*Pausa. Olha para a porta*) Não vou insistir com você quanto a isso. Mas sempre me pergunto: você, na função de arrumadeira do Sr. Elpídio, deve saber muitas coisas. Imagino.

ALMERINDA

Do que você está falando, afinal?

SOLIMAR

Por exemplo, deve saber o que ele guarda atrás desta porta. (*Aponta*)

ALMERINDA (*com enfado*)

Que tolice... Ele não guarda nada atrás dessa porta. Se guardasse, também, não seria da minha conta, nem da sua.

SOLIMAR

O que ele guarda atrás desta porta? Diga.

ALMERINDA

Achar que eu sei ou que me interessa saber o que ele guarda atrás daquela porta é uma grande tolice, uma invenção da sua fantasia.

SOLIMAR

Novamente, está sendo rude.

ALMERINDA

Não estou sendo rude.

SOLIMAR

Talvez não esteja.

ALMERINDA (*suspende por um momento a varredura*)

Não há nada atrás daquela porta, é o que eu lhe digo.

SOLIMAR

Como sabe?

ALMERINDA (*volta a varrer*)

Não sei. Mas também não tenho interesse em saber.

SOLIMAR (*espreguiça-se*)

Provavelmente, guarda um grande segredo atrás desta porta. E, quando digo “um grande segredo”, estou dizendo de fato um segredo bem grande e talvez muito importante, pode acreditar.

ALMERINDA (*balança a cabeça negativamente*)

Que tolice. Especulações. Deviam se preocupar com coisas mais úteis. (*Solimar saca do bolso o trapo de papel amarrotado e se põe a ler em silêncio*) Ociosidade, bisbilhotice, preguiça sem fim...

SOLIMAR

Devíamos? A quem você se refere?

SEGUNDA CENA

ROLANDO (*entra, estremunhado. Aponta uma direção qualquer, ao acaso*)

Naquela direção, é o que eu lhe digo. É para lá que devemos ir.

SOLIMAR (*aponta ao acaso*)

Não. Naquela direção. A propósito, como passou a noite?

ROLANDO

Bem, obrigado. Não poderia ter sido melhor. (*Pausa*) Ora, ora, o que temos aqui? Ah, sim, temos a bela Almerinda e também temos um convite. (Ou uma convocação, como você prefere chamá-la.) Poderíamos ter as duas coisas ao mesmo tempo?

ALMERINDA (*aborrecida*)

Não seja grosseiro.

SOLIMAR

Está escrito “convocação”. É o que está escrito.

ROLANDO

Pois seja. Uma convocação.

SOLIMAR

Uma verdadeira carta do Sr. de Monterrey.

ROLANDO (*põe-se a olhar por uma fresta da porta*)

Certamente. Uma bela, verdadeira e urgente carta do importante Sr. de Monterrey.

ALMERINDA (*interrompe a varredura*)

Do que estão falando?

ROLANDO

Do que estamos falando? (*Dá de ombros*) Não sei. De uma eventualidade, talvez.

SOLIMAR

É uma carta do Sr. de Monterrey, Almerinda. Temos uma convocação do Sr. de Monterrey.

ALMERINDA (*com enfado*)

Ociosidade, bisbilhotice, preguiça sem fim... É o que eu lhes digo. Eis o que vocês têm de sobra.

ROLANDO

Não lhe interessa saber quem é o Sr. de Monterrey e onde ele vive e para que nos convoca?

ALMERINDA *(com mau humor)*

Deem licença, por favor. *(Põe-se a varrer junto à porta, fazendo com que Rolando se afaste)*

SOLIMAR

Uma carta, uma verdadeira carta do Sr. de Monterrey. *(Mostra o papel)*

ROLANDO

Mas, mas, mas...

ALMERINDA

Agora, deu para delirar. Aonde vamos parar com tudo isto?

SOLIMAR

Importa é que, mais cedo ou mais tarde, partiremos. De preferência, o mais cedo possível. *(Para Rolando)* Quando é que partiremos?

ROLANDO *(vago)*

Tão logo. Creio que não demorará muito. E quanto a você, Almerinda? Como tem passado? Também tem uma convocação? Também

tem uma urgência de partir? Por que está assim amuada?

ALMERINDA

Faça-me um favor. (*Varre*) Ora, não tenho convocação nenhuma, e não faço ideia do que vocês dizem. No entanto, é certo que muito em breve já não estaremos aqui.

ROLANDO

Com certeza. Você e sua mãe.

ALMERINDA

Não sabe do que falo. Andam — você e Solimar — a supor muita coisa, e isso me aborrece. Bisbilhotice, preguiça sem fim... É o que vocês dois têm de sobra.

SOLIMAR

Sua mãe me disse uma vez (num dia desses em que tive o prazer de encontrá-la na rua) que já estão de malas prontas. Pareceu-me grande. E, aliás, não sei por que ainda não se animaram a partir. Se fosse comigo, eu já teria ido há muito tempo. Com ou sem convocação.

ALMERINDA

Não tenho convocação (que tolice!) e não sei há quantos dias ela lhe disse isso. Mas o fato é que é verdade.

SOLIMAR

Há um mês ou dois ela me disse, talvez. É um tempo longo demais, para se estar assim, com as malas prontas e delongando a partida.

ALMERINDA (*interrompe a varredura*)

E daí? O que vocês têm com isso? Ora! Mas, desta vez, sim, estamos bem decididas, podem acreditar, e com todas as coisas preparadas. E com todos os planos já feitos e muito bem meditados.

SOLIMAR

É verdade, então?

ALMERINDA

Porém acredito que isto não é da sua conta, nem de Rolando. De nenhum dos dois, quero dizer.

SOLIMAR

Não seja grosseira, Almerinda. Por que nos trata assim, de maneira tão rude? Devia estar feliz com essa iminência, mesmo que seja ape-

nas uma iminência, uma eventualidade, mesmo que não venha a se concretizar.

ROLANDO (*falsamente solene*)

A iminência da partida é o que dá sentido à nossa pífia existência, o que verdadeiramente a transfigura. É aquilo que lhe dá o seu verdadeiro sentido, conforme digo sempre.

ALMERINDA (*põe-se a varrer o local onde Solimar está sentado*)

Com licença.

SOLIMAR

Eu não disse? Está sendo rude outra vez.

TERCEIRA CENA

A MÃE (*entra, carregando um grande cesto sobre a cabeça*)

Olá, como têm passado?

SOLIMAR

Muito bem, minha senhora. E a senhora, como tem passado?

A MÃE

Assim, assim, com as trabalhadoras de sempre.

ROLANDO

Muito bem, minha senhora. E, agora, talvez melhor do que nunca.

A MÃE

Alegra-me saber. E você, minha querida, não se atrase muito por aqui, que ainda tenho serviço para você lá em casa.

ALMERINDA (*interrompe a varredura*)

Não me atrasarei, minha mãe.

A MÃE (*para Rolando*)

Se está assim tão bem servido, só me alegra saber.

ROLANDO

Sim, e agora mais do que nunca.

A MÃE (*fingindo surpresa*)

Verdade? Pois então, folgo em saber. Até logo.

ALMERINDA

Não lhes dê ouvido, minha mãe. Agora estão por aí a delirar.

ROLANDO (*falsamente zangado*)

Não fale assim de nós para a sua boa mãe.
Quer que ela pense que somos o quê?

ALMERINDA (*volta a varrer*)

Que são aquilo que eu já lhes disse que são.

A MÃE

Mas o que é que temos aqui? Por acaso andaram brigando?

ALMERINDA

Não lhes dê ouvidos, minha mãe. Se tem serviço a fazer, siga em frente. Faça-o e não lhes dê ouvidos.

SOLIMAR

Minha senhora, há qualquer coisa de exorbitante na atitude da sua bondosa filha, geralmente gentil e compreensiva para comigo e Rolando. Então, não se compreende a sua mudança de humor.

A MÃE (*põe o cesto no chão*)

Mas o que temos aqui? Do que se trata afinal?

SOLIMAR

Carrega um grande peso, minha senhora. Se eu pudesse, a ajudaria, e de muito bom grado, mas acontece que, no presente momento, estamos demasiadamente ocupados.

ALMERINDA

Quer me enlouquecer com esses dizeres absurdos...

A MÃE (*repreende Almerinda*)

Filha!

SOLIMAR

Não se incomode, senhora. Siga o seu caminho, faça o seu trabalho, cumpra o seu dia. *Carpe diem*, como se dizia antigamente.

ALMERINDA (*impaciente*)

Ah...

A MÃE (*sobraça novamente o cesto*)

É o que pretendo fazer. Aliás, o fato é que o dia não está para brincadeiras.

SOLIMAR

Com toda a certeza, senhora. E nós também temos muito que fazer.

A MÃE

Não duvido.

ROLANDO (*volta à porta*)

Seria bom podermos dar uma olhada e ver o que há por trás disto...

ALMERINDA

Veja, minha mãe. Agora deram para espionar a vida do Sr. Elpídio. Observe até onde a desocupação pode levar as pessoas.

A MÃE

Ora, minha filha...

SOLIMAR

Veja, senhora, que não estamos bisbilhotando ninguém e tampouco temos qualquer interesse naquilo que o Sr. Elpídio faz ou deixa de fazer.

ROLANDO (*espia pela fresta*)

A verdade é que o Sr. Elpídio nos diverte um pouco, com as suas invenções e os seus planos e o seu modo geral de se comportar e falar. E não direi que não invejo a segurança e a convicção com que ele geralmente fala de sua iminente partida ou do fato de que, num futuro cada vez mais próximo, ele se irá em definitivo

deste lugar — sentimento que, acredito, compartilho com muitos outros, mesmo que não o admitam.

A MÃE (*confusa*)

Fala de maneira confusa, mas não direi que não tem razão, pelo menos em parte. Quanto a nós, por exemplo. (*Prepara-se para sair, mas permanece imóvel*)

ROLANDO (*volta-se*)

Com certeza, minha senhora. E a vocês também — à senhora e à sua filha — invejo profundamente.

A MÃE

Ah, meu caro Rolando, é verdade que nossa partida também é iminente. Iremos, no mais tardar, dentro de uma semana, ou de um mês, ou pouco mais do que isso.

ROLANDO

Irão dentro de uma semana. Torço para que possam ir dentro de uma semana. Mas, se forem dentro de um mês, também não será ruim, pois o que são alguns dias a mais para quem já esperou durante tanto tempo?

A MÃE (*suspira*)

Ah, meu caríssimo Rolando, não sabe o quanto eu gostaria que as coisas se confirmassem do modo como diz.

ALMERINDA (*amuada*)

A verdade é que tudo isso é incerto. Há mais de um ano que vimos dizendo: “Será na próxima semana. Será no próximo mês.” Há mais de um ano que a próxima semana não tem sido outra coisa além disso: a próxima semana, eternamente a próxima semana.

ROLANDO (*irônico*)

Não seja tão pessimista, tão negativista. Se é para ser na próxima semana, será. Se é para ser no próximo mês, por que não? Será.

A MÃE

Será no próximo mês, no mais tardar. (*Suspira*)
E quanto à sua curiosidade, Rolando, fique tranquilo, pois não há nada atrás daquela porta, conforme dou testemunho. O Sr. Elpídio é um homem bastante trabalhador e decidido, e muito decente, até onde sei, mas, quanto ao que você está imaginando, posso garantir que não passa de um devaneio, de uma eventuali-

dade, de um imenso mal-entendido que até agora ninguém se deu ao trabalho de desfazer.

SOLIMAR

Então nos diz que o Sr. Elpídio anda por aí a delirar?

A MÃE (*séria*)

De modo algum, muito pelo contrário. Como eu disse, o Sr. Elpídio é pessoa séria e decente, que não comprometeria o próprio nome, perante a opinião pública, alimentando boatos sobre a sua pessoa. Imagine!

SOLIMAR

Então, do que se trata propriamente?

A MÃE (*vaga*)

De assuntos, de boatos, de deduções que não têm um fundamento na realidade. De fantasias que, muito certamente, não foi o Sr. Elpídio quem inventou.

SOLIMAR

Se não foi ele que as criou, a senhora está dizendo, então, que o povo anda por aí a inventar que o Sr. Elpídio construiu um invento e que esse invento, quando vendido — caso venha a

ser vendido —, lhe renderá uma fortuna e que, uma vez rico a não mais poder, ele terá condições de ir embora daqui de uma vez por todas, sem dar satisfações a ninguém, e para nunca mais retornar? Ora, se foi ele mesmo que nos disse isso?

A MÃE (*peremptória*)

O que ele disse a vocês eu não sei. O que ele inventou ou se esqueceu de inventar eu também não sei. Mas acho pouco provável que ele tenha dito que o invento é de tal importância que, se for vendido, lhe permitirá ir embora deste lugar para sempre.

ROLANDO

Foi o que ele nos disse ou, pelo menos, é o que se pode entender daquilo que ele nos disse.

A MÃE

Tudo isso me parece muito confuso.

SOLIMAR

O que lhe parece confuso, minha senhora?

A MÃE

Tudo isso, esses assuntos. Essas questões de vender o invento, de ficar rico, de ir embora para sempre. Nada disso me parece claro nem correto. Há muita imaginação naquilo que o povo anda dizendo.

SOLIMAR

Então, tem uma versão mais acurada dos fatos? Pode nos dizer do que se trata, nesse caso?

A MÃE (*vaga*)

Vamos dizer que ele tem uma invenção, uma pequena invenção ou uma invenção de pouquíssima importância ou, pelo menos, não tão importante quanto se acredita e que é talvez até bem insignificante, mas à qual se tem atribuído uma importância indevida, uma relevância exagerada, que não condiz com a realidade. (E eu não o culparia pelo fato de o povo andar por aí a exagerar as coisas, mas que fazer quanto a isto?) Então, pode-se dizer que há uma invenção, mas que o povo a tem tomado por aquilo que ela não é.

SOLIMAR

E daí? Não é fato que ele mesmo andou a dizer que, caso a invenção tenha sucesso e seja

vendida, ele ganhará uma fortuna e poderá, finalmente, ir embora para sempre deste lugar?

A MÃE (*impaciente*)

Não foi o que me disse, se é que me disse alguma coisa e se é que vocês entenderam bem o que ele disse. Pelo menos, não foi o que interpretei, considerando aquilo que me disse — as coisas de que me falou muito vagamente, em conversas a que prestei pouquíssima atenção. Para ser mais clara: se ele disse que ficará rico e que irá embora, é por outras razões que não têm a ver propriamente com a sua invenção, qualquer que seja ela (e que, segundo julgo, é de bem pouca relevância).

SOLIMAR

Faz pouco sentido, ou talvez não faça sentido nenhum.

ALMERINDA

Não faz menos sentido do que andarem por aí bisbilhotando a vida do Sr. Elpídio.

A MÃE (*paciente*)

Talvez seja o caso de considerar que o Sr. Elpídio, em obtendo algum lucro — mesmo que pequeno — com a sua invenção, deseje ir em-

bora e suponha que, quando for embora, se tornará rico e poderá dar adeus, de uma vez por todas, a tudo isso.

ROLANDO (*dá de ombros*)

Faz menos sentido ainda do que achar que ele tem uma invenção e que espera enriquecer com essa invenção e, enriquecendo, poderá ir embora daqui de uma vez para sempre, como vocês dizem. Mas o que importa é que se vá, é que, vendendo ou não a tal invenção, ele bata as asas e se vá, mais cedo ou mais tarde, deste lugar, tal como nós mesmos pretendemos fazer.

SOLIMAR

Sim. No entanto, no nosso caso, há que considerar que não iremos só porque nos deu na telha de irmos, mas porque temos um motivo, temos uma razão para ir. Uma Razão, com R maiúsculo, eu diria.

A MÃE

Com certeza. Cada um tem sua razão.

SOLIMAR

Sim, temos uma razão, que é uma carta — uma legítima convocação do Sr. de Monterrey.

A MÃE (*fingindo interesse*)

É verdade? Assim, vocês têm um motivo. Bem. Não me interessa. Mas, se é uma convocação, é uma convocação. E, ainda que mal lhes pergunte, quem é esse gentil Sr. de Monterrey e onde ele vive e para onde vocês irão, se obedecerem à sua convocação?

ROLANDO

Ah, o Sr. de Monterrey... É precisamente o Sr. de Monterrey e vive exatamente onde vive (ainda que não o saibamos, mas tudo isso podemos descobrir).

A MÃE

Percebo. Então, o Sr. de Monterrey é, somente, o Sr. de Monterrey.

SOLIMAR

Tal como o Sr. Elpídio é somente o Sr. Elpídio, tal como Almerinda é somente Almerinda, e tal como todos nós somos, exatamente e precipuamente, aquilo que somos.

A MÃE (*suspira*)

Bem, suponho que isso não os levará muito longe, mas faço votos que leve.

SOLIMAR

Há de nos levar longe o suficiente, minha senhora. Veja. (*Mostra-lhe a carta, sobre a qual ela passa os olhos distraidamente, sem tocar nela*)

A MÃE

Talvez seja, de fato, uma convocação, mas que não está em muito bom estado. Faltam partes. E faltam indicações importantes, suponho. Mas que sei eu? Pobre de mim... (*Balança a cabeça, suspira*) De qualquer modo, preciso ir, pois tenho uma quantidade de coisas para fazer.

SOLIMAR

Antes da sua partida, quero crer, da sua partida definitiva.

A MÃE

Vamos ver.

ALMERINDA

Vai à casa do Sr. Elpídio, minha mãe?

A MÃE

Sim, e já estou atrasada, pois ele me pediu que levasse as roupas ainda agora, pela manhã.

ROLANDO

As roupas do Sr. Elpídio. Se nos vestíssemos como o Sr. Elpídio... Conjeturo se nos tornaríamos tão sábios quanto ele.

ALMERINDA (*enfasiada*)

Que pergunta...

SOLIMAR (*dobra a carta e guarda-a no bolso*)

Faz sentido, e muito sentido, se considerarmos que, além das invenções, um dos maiores cuidados do Sr. Elpídio sempre esteve no modo de se vestir. Pode-se até pensar que, na sua concepção, para ser sábio é preciso se vestir bem, ou que se vestir bem faz parte do processo de se tornar sábio.

ALMERINDA

O Sr. Elpídio tem, pelo menos, a vantagem de saber se vestir, de qualquer modo.

A MÃE (*leva a cesta à cabeça*)

Minha filha... Até logo, meus caros. Deem lembranças aos parentes. (*Sai*)

SOLIMAR

Até logo, minha senhora. E boa sorte com os seus negócios.

ROLANDO

Que o sol, as águas e os ventos estejam sempre a seu favor.

QUARTA CENA

SOLIMAR (*para Almerinda*)

Diga-me uma coisa, Almerinda. É verdade, portanto, que você não tem a chave e que, mesmo que a tivesse, não nos deixaria atravessar aquela porta, para ver o que o Sr. Elpídio guarda além daquela parede?

ALMERINDA

Não tenho nenhuma chave. E mesmo que a tivesse não permitiria que a utilizassem — ora vejam — para bisbilhotar aquilo que não é da sua conta. Além do mais, como já disse minha mãe, não há o que bisbilhotar ali dentro, não há nada para ver além daquela porta.

ROLANDO

Ficam, então, elas por elas — ou o nada pelo nada, ou o vácuo pelo vácuo, ou a sombra pela sombra.

ALMERINDA

Pense como quiser. Quanto a mim, também preciso ir, pois já está ficando tarde. Passem muito bem. (*Ameaça sair, mas se detém*)

SOLIMAR

Sinceramente, Almerinda...

ALMERINDA

Sinceramente o quê?

SOLIMAR

Sinceramente, você devia ser mais compreensiva. Quer dizer, não lhe custaria nada ser mais receptiva. Aliás, já lhe contamos todos os nossos segredos, e você, mesmo assim, permanece inflexível, áspera e rude. Não nos dirá, pelo menos, o que há para além daquela porta, mesmo que não o mostre?

ALMERINDA

A sua capacidade de ser importuno, para não dizer indiscreto, me impressiona até o

constrangimento, Solimar. Outra coisa não posso lhe dizer além de um objetivo “até logo”.

SOLIMAR

Ah, não devia...

ALMERINDA

Além do mais, tenho montanhas de coisas para fazer...

ROLANDO

Vocês sempre terão montanhas de coisas para fazer. E, no entanto, depois que se fatigarem, depois que se exaurirem fazendo todas essas montanhas de coisas, lá estarão elas sempre, tão altas como sempre foram, sem terem perdido um milímetro sequer da sua altura anterior.

ALMERINDA (*suspira*)

Perfeitamente. Passem muito bem, portanto.
(*Ameaça sair*)

SOLIMAR

Então, é verdade que esperei em vão?

ALMERINDA

Verdade é que você não sabia o que estava esperando ou que, se esperou, não devia ter

esperado, pois não havia nada para esperar.
Passem muito bem.

SOLIMAR (*fingindo decepção*)

Mas sempre há que esperar, pois sempre há o
que esperar.

ALMERINDA

Até logo, portanto. (*Sai*)

QUINTA CENA

SOLIMAR

Até logo, portanto. Mas onde vamos parar?
(*Pausa*) Então, do que se trata propriamente?

ROLANDO

De acorrer à convocação do Sr. de Monterrey,
de ir imediatamente ao encontro do Sr. de
Monterrey.

SOLIMAR (*cantarola*)

O Sr. de Monterrey tinha um sítio ia ia ô
E no seu sítio tinha um cachorrinho
Era au au au pra cá
Era au au au pra lá
Era au au au pra todo lado ia ia ô

*O Sr. de Monterrey tinha um sítio ia ia ô
E no seu sítio tinha uma vaquinha*

ROLANDO

De acorrer à convocação do Sr. de Monterrey...

SOLIMAR

*Era mu mu mu pra cá
Era mu mu mu pra lá
Era mu mu mu pra todo lado ia ia ô*

ROLANDO

... e quanto mais cedo melhor.

SOLIMAR

Supõe que o Sr. de Monterrey vive numa fazenda?

ROLANDO

Não suponho nada.

SOLIMAR

A mim me agrada imaginar que o Sr. de Monterrey viva num sítio ou numa fazenda. Não gosto de pensar que o Sr. de Monterrey viva numa cidade, quanto mais numa grande cidade.

ROLANDO

Em algum lugar ele há de viver.

SOLIMAR

As cidades são horríveis, são péssimos lugares para se viver. Se o Sr. de Monterrey viver numa cidade, teremos de ir a uma cidade, e essa ideia me desagrada.

ROLANDO

É muito provável que Monterrey viva numa cidade, caso ele exista. Pode ser numa pequena cidade.

SOLIMAR

As cidades grandes são tão piores que as pequenas, mil vezes piores. E se tornam piores à medida que se tornam maiores. As grandes metrópoles — como eles as chamam atualmente — são horrivelmente piores do que quaisquer outras cidades, mesmo as grandes cidades, hoje em dia. O Sr. de Monterrey não poderia nos fazer desfeita maior do que morar numa grande cidade, principalmente numa grande metrópole, e nos convocar para irmos lá.

ROLANDO (*com um esgar*)

Eu me cago para as grandes metrópoles.

SOLIMAR

Cidades são grandes presídios cheios de ruas.

ROLANDO

São grandes jaulas cheias de portas e janelas.

SOLIMAR

São grandes masmorras cheias de endereços e fachadas.

ROLANDO

São grandes buracos onde as pessoas caem inadvertidamente, quando estão passando por perto, ou dentro dos quais elas têm o azar de nascer e de onde nunca sairão. (*Pausa*) Mas é bom que você (*toca o peito de Solimar*) se acostume com a ideia de que o Sr. de Monterrey vive numa cidade, pois é muito provável que ele viva. Hoje em dia (ouça o que estou dizendo) quase todos vivem em cidades — pequenas ou grandes, e não há muito que fazer quanto a isso.

SOLIMAR

Vamos supor, pelo menos, que o Sr. de Monterrey viva num sítio ou numa fazenda.

ROLANDO

Sítios e fazendas também são horríveis.

SOLIMAR

São menos horríveis, talvez, do que as cidades, e muito menos horríveis do que as grandes cidades, e indizivelmente menos horríveis do que as chamadas grandes metrópoles.

ROLANDO

No entanto, continuam a ser horríveis. Os graus do horrível não podem ser calculados nem podem ser medidos por quantidades.

(Pausa)

SOLIMAR

Por que estamos a falar disso?

ROLANDO

Deve se acostumar, eu dizia. Podemos nos acostumar a muitas coisas, inclusive a uma ideia que nos aborrece.

SOLIMAR

De qualquer maneira, o Sr. de Monterrey tem de viver em algum lugar — numa chácara, num sítio, numa fazenda, numa cidade ou numa caverna.

ROLANDO

Talvez no topo de uma montanha.

SOLIMAR

Talvez no meio de um deserto.

ROLANDO

É provável. E nós temos uma convocação para irmos até lá.

SOLIMAR

Onde quer que seja “lá”.

ROLANDO

E imediatamente.

SOLIMAR

Imediatamente. (*Pausa*) Para onde iremos?

ROLANDO (*aponta uma direção qualquer*)

Vamos naquela direção.

(Seguem na direção apontada. Hesitam. Retornam ao centro da cena)

SOLIMAR *(aponta a direção contrária)*
Sugiro aquela direção.

(Seguem na direção apontada por Rolando. Retornam. Seguem na outra direção e saem)

FIM DO SEGUNDO QUADRO

TERCEIRO QUADRO

Local deserto, com uma parede ao fundo, muito parecida com a parede do segundo quadro. Na parede, existe uma janela, fechada e escura. Há um canteiro de flores no centro da cena, e ao lado dele está o Jardineiro, trabalhando com uma pá na mão. Entram Solimar e Rolando.

PRIMEIRA CENA

SOLIMAR (*lê o trapo de papel*)
Vejamos.

ROLANDO
Não. É melhor não vermos nada.

SOLIMAR
Sabe onde fica o Pentágono?

ROLANDO
Pentágonos, pelo que sei, são figuras geométricas de cinco lados...

SOLIMAR

O Pentágono. É o centro das operações militares dos Estados Unidos.

ROLANDO

Não existem pentágonos na natureza. Veja. A natureza não perde o seu tempo desenhando pentágonos por aí. Aliás, também não existem triângulos, nem quadrados, nem hexágonos em parte nenhuma. Quanto menos, pentágonos.

(Param junto ao canteiro)

SOLIMAR *(coça a cabeça)*

É. Talvez. Mas não importa.

ROLANDO

“Operações militares” é uma expressão que você não devia usar.

SOLIMAR *(guarda o papel no bolso)*

Por quê?

ROLANDO

Porque não condiz com a sua pessoa, com o seu jeito.

SOLIMAR

E por que não condiz com a minha pessoa?

ROLANDO

Ora, por quê? Por quê? (*Hesita, indeciso*) Porque não o vejo como alguém que pronuncie, sem um acento falso, estas palavras — “operações militares” —, e sem parecer ridículo ou pretensioso.

SOLIMAR

Acha que sou ridículo ou pretensioso só porque digo “operações militares”?

ROLANDO

Todos os que dizem “operações militares” são, de certo modo, ridículos ou pretensiosos. Não é, portanto, exclusividade sua. Eu mesmo, que acabei de dizer “operações militares”, me tornei ridículo por causa disso.

SOLIMAR

Não importa.

(Observam o trabalho do Jardineiro)

ROLANDO (*para o jardineiro*)

Bem faz você, meu caro, que não tem que dizer “operações militares” a torto e a direito.

(O Jardineiro lhes dirige um sorriso distraído)

SOLIMAR

No topo de uma montanha. A mim me agradaria muito saber que o Sr. de Monterrey vive bem no topo de uma montanha.

ROLANDO

O importante Sr. de Monterrey.

SOLIMAR

Que, por intermédio de seu representante (ainda não o encontramos, mas logo o encontraremos), convoca...

ROLANDO

... para alguma coisa importante, certamente. Para “rever” ...

SOLIMAR

O importante Sr. de Monterrey convoca, por intermédio de seu importante representante, para rever a importante questão do...

ROLANDO *(em expectativa)*

Do...?

SOLIMAR (*amuado, ameaça retirar o papel do bolso*)

Se ao menos Chachá não tivesse comido aquela parte da convocação...

JARDINEIRO (*cantarolando, levanta-se e muda de posição junto ao canteiro*)

O Sr. de Monterrey...

SOLIMAR

Sim, o Sr. de Monterrey. Você certamente o conhece.

JARDINEIRO

Não. (*Agacha-se novamente e volta a trabalhar*) Quem seria o Sr. de Monterrey?

ROLANDO

É uma teoria que nós temos.

JARDINEIRO (*distraído*)

Hum...

SOLIMAR (*retira do bolso o trapo de papel*)

Deve ser um homem de muita importância, com toda a certeza.

JARDINEIRO

Meu caro, pessoas importantes eu conheço aos milhares. E nenhuma delas nunca me pareceu importante o suficiente. Observe esta rosa, por exemplo.

ROLANDO (*interessado, com um início de riso*)
O que tem de especial a sua rosa?

JARDINEIRO

Nada de especial. Mas, se o seu Sr. de Monterrey viver no topo de uma montanha, a rosa não florescerá por lá. Então, o seu Sr. de Monterrey não poderá ter, pelo menos, uma rosa em seu jardim.

ROLANDO

Faz sentido. Mas é de supor que o Sr. de Monterrey possa se bastar com outras flores, mais humildes ou mais raras, e outros primores. Há florações, inclusive, que se abrem nas montanhas.

O JARDINEIRO

Por que não? Mas uma rosa não se abre, a depender da montanha. E, se Monterrey quisesse ter rosas em seu jardim, teria de se mudar para uma montanha sobre a qual as rosas pudessem ser cultivadas.

ROLANDO (*irônico*)

Faz todo o sentido. Tal como a minha teoria de que nem os presidentes nem o Pentágono nem o sr. Alberico do açougue podem fazer qualquer coisa quanto a isso.

JARDINEIRO (*resmungando, distraído*)

Presidentes... Pentágono...

SOLIMAR (*dá de ombros, lê*)

“O Sr. Ángel Carlos de Monterrey, por intermédio de seu representante, convoca...”

JARDINEIRO

Ah, perfeitamente. Isto é uma coisa que se pode fazer perfeitamente, sem nenhuma dúvida: convocar pessoas. É o que eu digo sempre: convocar pessoas.

ROLANDO

Também o digo sempre: é convocá-las enquanto se pode convocá-las.

SOLIMAR (*para o Jardineiro*)

Você iria, se fosse convocado?

JARDINEIRO

Para onde?

SOLIMAR

Pelo Sr. de Monterrey.

JARDINEIRO

Para onde o Sr. de Monterrey me convocaria?

ROLANDO

Para ir ao topo da montanha onde ele vive, sem rosas à sua volta, talvez, mas relativamente feliz.

JARDINEIRO

Ah! Eu não subiria até o topo de uma montanha, não tenho mais idade para isso. Mas iria para qualquer lugar aonde a idade me permitisse.

ROLANDO

Ora, então você iria também?

JARDINEIRO

Para onde?

ROLANDO

Para lá.

JARDINEIRO (*interrompe o trabalho*)

Ouçã, meu jovem. Chega uma época na vida em que nos sentimos dispostos a ir a qualquer lugar, mesmo àqueles aonde a idade nos impede de ir. E só o que nos impede de ir é, verdadeiramente, a idade.

ROLANDO

Digamos que sim, e por que não? Importa apenas o desejo de ir. Há aqueles que vão e aqueles que não vão, assim como há aqueles que são gordos e aqueles que são magros, como há os que são altos e os que são baixos, como há mulheres que têm peitos grandes e mulheres que têm peitos pequenos. Tal é o caso.

JARDINEIRO (*alonga a sílaba, distraído*)

É.

SOLIMAR (*guarda o papel*)

Diga-nos uma coisa, senhor. O senhor que, pelo visto, trabalha nesta propriedade há bastante tempo, há anos, talvez...

JARDINEIRO

Há anos.

SOLIMAR

O senhor, que trabalha nesta propriedade há anos, talvez possa nos dizer...

ROLANDO

Você e sua curiosidade. Você, com os teus farrapos de papel e a sua curiosidade. Para que quer saber isso?

SOLIMAR

Isso o quê?

ROLANDO

O que está para perguntar.

SOLIMAR (*amuado, dá de ombros*)

Está bem. Então não perguntarei.

JARDINEIRO (*distraído*)

Fique à vontade para perguntar o que quiser, meu jovem.

SOLIMAR

Está certo. É sobre a máquina do Sr. Elpídio. O senhor, que trabalha há anos nesta propriedade — há mais anos até do que eu imagino —, por acaso já a viu alguma vez? Por acaso já pôs os olhos nela?

JARDINEIRO (*sorri*)

Engana-se. Este jardim não pertence ao Sr. Elpídio, nem faz parte da propriedade, de modo que não trabalho para ele. Já quanto ao que perguntou, a resposta é não, nunca pus os olhos em máquina nenhuma, e não sei sequer do que se trata.

SOLIMAR (*desapontado*)

Pena. Mas é o que se tem dito por aí.

JARDINEIRO

Que tenho posto os olhos na tal máquina do Sr. Elpídio? É bem pouco provável.

SOLIMAR

Que o Sr. Elpídio tem construído uma grande máquina, quero dizer, e que mais cedo ou mais tarde ela o deixará incomensuravelmente rico.

ROLANDO

É só uma obsessão sua, Solimar. Provavelmente, uma invenção da sua fantasia.

JARDINEIRO

Pode ser. Sim, sim, é o que dizem por aí, mas não dou ouvidos a esse tipo de fuxicos. Não tenho tempo para fuxicos. Porém, se é do seu in-

teresse (embora não seja do meu), ouço dizer também que o Sr. Elpídio vive inventando coisas, como uma criança travessa — atitude saudável, diga-se de passagem, nos tempos atuais, em que todos se entediam, andando de um lado para o outro, e não têm o que fazer para gastar o seu tempo. Então, o melhor é mesmo consumir as energias inventando parafernálias, criando coisas que podem, até, quem sabe algum dia, tornar-se úteis para os demais.

SOLIMAR

Deve ser o caso, talvez. Deve ser o caso, considerando-se a invenção de que andam falando por aí.

JARDINEIRO

Com certeza. E observe, meu jovem, também o seguinte: este é um péssimo lugar para se viver, para se estar, para se aborrecer, qualquer que seja o modo como o vejamos. Assim, quando você alcança determinado ponto da sua vida e do seu aborrecimento ou atinge determinada altura do seu desespero, só lhe restam duas opções: ou começar a inventar coisas (como é o caso do referido Sr. Elpídio), ou ir embora de uma vez por todas.

SOLIMAR

Você, por exemplo, tomaria a segunda opção?

JARDINEIRO

E você também, conforme creio, você também, quando chegar à conclusão de que já viu o bastante e resolver acorrer à convocação desse tal Sr. de Monterroso.

SOLIMAR

De Monterrey. Sr. de Monterrey, o de grandes bigodes.

JARDINEIRO

O de grandes bigodes.

ROLANDO (*sorrindo. Para Solimar*)

Como sabe que ele tem grandes bigodes?

SOLIMAR

Não o imagino senão como um homem que tem grandes bigodes — vastos bigodes —, e um belo retrato na parede da sala, um belo retrato que o levará à eternidade sorrindo, com os seus grandes bigodes.

JARDINEIRO

Muito bem, perfeito. Com ou sem os bigodes, o tal Sr. de Monterrey. E, quando chega o momento em que você se decide e arruma as malas, calça as sandálias (caso resolva ir de sandálias, pois poderá ir também de sapatos ou de botas, ou quem sabe até descalço, se não tiver sapatos nem botas para calçar), e é quando você se põe a caminho, e é quando parte para bem longe, com o intuito de nunca mais retornar...

ROLANDO

É exatamente assim.

JARDINEIRO

E nem é necessário que o Sr. de Monterrey ou qualquer outro de igual ou menor prosápia o convoque: você irá de livre e espontânea vontade, por um gesto impulsivo ou muito meditado, e a qualquer momento que lhe dê na telha ou que considere apropriado. O que importa é que vá, que se ponha a caminho.

ROLANDO

Todo momento é apropriado.

SOLIMAR

Não, este não é o caso. Aqui se trata de uma legítima convocação. *(Leva a mão ao bolso, mas não retira o papel)* Só iremos porque precisamos acorrer à convocação recebida.

JARDINEIRO

Pois que seja, que seja. Se você tem uma convocação, tanto melhor. Mas, se não a tiver, então irá do mesmo modo — irá simplesmente. O importante é que vá.

SOLIMAR

É o que também penso, senhor Jardineiro — às vezes. Mas agora temos uma convocação, e iremos porque temos uma convocação, porque o alto Sr. de Monterrey nos convocou.

JARDINEIRO *(volta a trabalhar, distraído)*

Ah, magnífico! O importante é que vá. E você também, meu caro e muito bem disposto Rolando, você também.

ROLANDO

Também eu, senhor Jardineiro. Também eu, com toda a certeza.

(Pausa)

SEGUNDA CENA

A MÃE (*entra, carregando um grande cesto*)
Olá, senhor Jardineiro.

JARDINEIRO

Muito bom dia, minha senhora.

ROLANDO

Bom dia, minha senhora. Expedita e atarefada,
como sempre?

A MÃE

Muito atarefada, Rolando, pelo menos; e agora
mais do que nunca.

JARDINEIRO

Imagino, minha senhora.

A MÃE

Não imagina, senhor Jardineiro, nem imagina.

ROLANDO

Pois devia imaginar, senhor Jardineiro, tal
como eu o imaginei. Nos dias atuais, quem não
está atarefado, se esfalfando para carregar
cestos de roupas de um lado para o outro, para

mexer nisto e naquilo, quem não está a se bater contra isto e contra aquilo, a se chocar, a trepar em muros, a subir escadas, a atravessar desertos, a cruzar oceanos, a escalar montanhas, é porque ou está doente ou não entendeu a realidade dos fatos, a sua dura realidade.

A MÃE

Verdade, Rolando. Mas o que fazer, se é disso que a vida se compõe?

ROLANDO

Dessa matéria o seu tanto ou quanto enjoativa e, quase sempre, terrivelmente difícil de manipular.

A MÃE (*suspira*)

Vejo que você está a cada dia mais filosófico.

ROLANDO

Não sei se devo tomar isso como um elogio.

A MÃE

Como um elogio, meu caro Rolando, como um elogio.

ROLANDO

Agradeço, minha senhora.

SOLIMAR

E quanto às malas, senhora? Já estão prontas? É verdade que as senhoras estão a cada dia mais próximas do momento de partir? Refiro-me à senhora e à sua filha Almerinda.

A MÃE (*depondo o cesto no chão*)

Falta-nos apenas concluir alguns detalhes dos preparativos.

SOLIMAR

E quanto ao dinheiro? Já o conseguiram?

A MÃE

Já temos tudo, meu caro Solimar.

ROLANDO

Então o que falta para partirem?

A MÃE (*suspira*)

Praticamente nada. Como eu disse, nos falta apenas completar alguns detalhes dos referidos preparativos.

ROLANDO

A senhora fala dos preparativos como se fossem roupas que estivesse a costurar?

A MÃE

Bom seria se fossem roupas. Acontece, porém, que... *(Pausa)*

SOLIMAR

Sim?

A MÃE

E quanto a você, Solimar? Teve notícias do tal Sr. de... como se chama ele?

SOLIMAR

O Sr. de Monterrey, minha senhora.

ROLANDO

O de grandes bigodes.

A MÃE

Ah, sim, agora tem bigodes. *(Em tom de surpresa)* Então, já sabem que ele tem grandes bigodes?

ROLANDO

Ainda não o sabemos, mas é bem provável que ele tenha. E que tenha também um grande

retrato pendurado em sua sala, com uma bela reprodução da sua face, onde esplendem esses formidáveis bigodes.

A MÃE (*sorri*)

Mas é realmente muito animador!

ROLANDO

Pode acreditar, minha senhora. Pode acreditar.

A MÃE

Então, só me resta desejar que tenham a felicidade de vê-lo no mais breve possível, não? Torço para que o encontrem e para que tenham logo a felicidade de contemplar de perto esses magníficos bigodes.

SOLIMAR

Agradecemos os votos, senhora. E, quando o encontrarmos, faremos questão de falar a ele sobre a senhora e sua filha Almerinda. Quem sabe até não irão visitá-lo algum dia?

A MÃE (*faz menção de apanhar o cesto*)

Com todo o prazer. (*Para o Jardineiro*) E quanto a você, senhor Jardineiro? Já se decidiu também? Já está confirmada a sua partida? E quando será? Se não me engano, estava pre-

vista para acontecer nesta ou na próxima semana.

JARDINEIRO (*vago*)

Com certeza, será nesta semana. Mas pode ser também que se dê na próxima semana, pois imprevistos sempre acontecem.

A MÃE

Ah.

ROLANDO (*para o Jardineiro*)

Encanta-me pensar que você também partirá e que, para isso, não necessita sequer de uma convocação.

JARDINEIRO

Tenho meus motivos, Sr. Rolando.

ROLANDO

Quanto a mim, de minha parte, eu não partiria, se não tivesse uma convocação. Ou, quem sabe, até partiria, mas sempre é melhor, mais atrativo e mais decisivo quando se tem uma convocação.

SOLIMAR

Principalmente quando essa convocação foi expedida pelo honorável Sr. de Monterrey.

JARDINEIRO

É como eu ia dizendo: se vocês têm uma convocação, tanto melhor. Mas também se pode partir sem uma convocação. Não há nada que nos impeça de partir, não é mesmo? — nem mesmo o fato de não termos um motivo.

ROLANDO

O fato de não termos um motivo já é motivo mais que suficiente.

JARDINEIRO

Tendo a concordar com você: é, de todos os motivos, talvez o primeiro, e talvez o principal.

ROLANDO

Quando se tem uma convocação, as decisões se tornam mais simples, pois há menos opções de escolha e, portanto, menos motivos para indecisões e ansiedades. Na verdade, há apenas duas opções: ou acorremos à convocação, ou não acorremos. No caso, nossa decisão é acorrer à convocação, e assim acorreremos à convocação.

JARDINEIRO

Fala com muita pertinência.

SOLIMAR

Neste caso, porém, não acorreremos a uma convocação qualquer — ou à convocação de um qualquer. Acorreremos a uma convocação do Sr. de Monterrey.

ROLANDO

E a uma convocação do Sr. de Monterrey não se pode deixar de acorrer.

JARDINEIRO

Perfeitamente.

ROLANDO

Então, neste caso, não há, praticamente, nenhuma decisão a tomar.

JARDINEIRO

Sim, eu compreendo. Não é necessário explicar. Eu mesmo...

ROLANDO

O senhor mesmo, que não tem nenhuma convocação, partirá de qualquer maneira, movido talvez pelo fato de não ter nenhuma convoca-

ção. O senhor partirá porque o convoca o fato simples de não ter nenhuma convocação. E esta é, a meu ver, a maior e a mais decisiva de todas as razões.

JARDINEIRO

De fato, partirei a qualquer momento.

SOLIMAR

Se o senhor tivesse uma convocação, também teria um motivo para partir. E, se tivesse uma convocação do Sr. de Monterrey, teria um duplo motivo: uma convocação e uma convocação do Sr. de Monterrey, ou uma convocação somada ao fato de se tratar de uma convocação do Sr. de Monterrey. Uma Convocação, portanto, com C maiúsculo.

JARDINEIRO

Compreendo perfeitamente. Mas o fato é que...

ROLANDO

Se não tem uma convocação, tem de partir porque não tem uma convocação. Se não tem uma convocação, o fato de não ter uma convocação o convoca mais decisivamente.

SOLIMAR

Se tivesse uma convocação, já teria partido há muito tempo. Se tivesse uma convocação do Sr. de Monterrey — conforme agora nós a temos (*apalpa o próprio bolso, onde está o papel*) —, então, já teria partido há muito mais tempo ainda.

JARDINEIRO

Sim, tudo isso é muito exato.

ROLANDO

E só está aí, a cuidar dessas florezinhas, porque não compreendeu bem que o fato de não ter uma convocação é, apesar de tudo, a mais decisiva de todas as razões.

JARDINEIRO

A mim me basta partir no momento oportuno.

ROLANDO

Que é precisamente este momento.

JARDINEIRO (*trabalha no canteiro*)

No momento oportuno.

A MÃE

Ai, ai, todas essas complicações me deixam confusa. A mim me basta saber que partirei assim que as coisas estiverem arranjadas.

JARDINEIRO

E faz muito bem, minha senhora. Não é conveniente agir com precipitação.

ROLANDO

É o que se faz de melhor. Mas, mesmo que as coisas não estejam arranjadas ou, pelo menos, satisfatoriamente arranjadas ou, sequer, minimamente arranjadas ou, mesmo que não estejam sequer arranjadas ou que não venham nunca a estar arranjadas, o que se faz de melhor é partir.

SOLIMAR (*sonhador*)

De qualquer modo, há que partir. Para a montanha ou para o deserto — onde mora o Sr. de Monterrey. Ou para o deserto e para a montanha, pois pode ser que ele tenha residências tanto no deserto quanto na montanha, o Sr. de Monterrey.

JARDINEIRO (*distraído*)

O Sr. de Monterrey. Você faz muito bem em considerar essa — como a chama? — convo-

cação. Sim, faz muito bem em ir correndo a essa convocação, pois é coisa que não se deve negligenciar.

A MÃE (*apanha o cesto no chão*)

Tudo isso me parece complicado. A mim me basta pensar que devo partir assim que tudo estiver arranjado.

ROLANDO

Nada é complicado, minha senhora. São fatos, apenas, fatos. São situações, como dizem os entendidos, ou circunstâncias, como dizem os mais entendidos.

A MÃES (*faz menção de sair*)

Como quer que os denominem, já que lhes agrada tanto inventar essas complicações.

ROLANDO

O fato de o senhor não ter um motivo já é motivo mais que suficiente, a meu ver — e isto não é uma complicação. Ora, o que há nisto de complicado?

A MÃE (*suspira*)

Tudo, praticamente. Mas vão, vão imediatamente. Não demorem mais um minuto sequer

e não percam o seu tempo aqui, a tergiversar, a complicar as coisas, inventando motivos e razões que não importam, inventando convocações que, se olharmos de perto, veremos que — conforme vocês mesmos admitem — são absolutamente desnecessárias e até inúteis, pois... (*Pensativa*) Mas que sei eu sobre tudo isso? Partam, partam, é o que eu digo.

SOLIMAR (*solene*)

Ora, minha senhora, sem querer faltar com o respeito, mas não me parece que uma convocação do Sr. de Monterrey seja coisa para se tratar assim, como de tão pouca monta ou como, apenas, um motivo “a mais”, uma justificativa “a mais” para... seja lá o que for.

ROLANDO

Talvez o motivo por excelência, conforme eu penso, ou o Motivo com M maiúsculo, como diz o sábio Solimar.

A MÃE

Precisamente. Já quanto a mim, só me resta desejar boa sorte a vocês e manifestar os meus sinceros votos de que façam uma excelente viagem. E a você também, senhor Jardim.

neiro, a você também quero desejar uma excelente viagem.

JARDINEIRO

Obrigado, minha senhora. E a vocês também — a sua filha e a você — desejo a melhor de todas as viagens.

A MÃE

Obrigada, senhor Jardineiro.

ROLANDO

Obrigados também nós. Ah, fazer a melhor de todas as viagens. Que sonho! Todos haveremos de fazer uma excelente viagem.

A MÃE

Com a mais absoluta certeza. *(Acena com a cabeça e sai)*

TERCEIRA CENA

ROLANDO *(sorri)*

É assim que se fala.

(Pausa)

SOLIMAR (*leva a mão ao bolso, indeciso*)
Voltemos, então, ao nosso pequeno jogo.

JARDINEIRO

Aos bigodes do Sr. de... de... (*Tenta se lembrar*)

SOLIMAR (*com enfado*)

Do Sr. de Monterrey, senhor Jardineiro.

JARDINEIRO (*distraído*)

Sim, sim. Exatamente. Aos bigodes do Sr. de Monterrey — que, até onde sei, vive num deserto ou no topo de uma montanha. Ou vive em ambos os lugares ao mesmo tempo, alternadamente, claro.

SOLIMAR

Há de viver nesses dois lugares ou em outros, melhores, por que não? Mas não nos faria a indelicadeza de viver numa cidade.

ROLANDO

Numa grande cidade.

SOLIMAR

Numa cidade qualquer.

JARDINEIRO

Não creio que ele seja capaz de cometer semelhante atrocidade. Antes, me parece ser um cavalheiro, uma alta autoridade e, como tal, um indivíduo do mais fino trato. *(Recolhe seus instrumentos de trabalho)* É ir ao seu encontro, portanto. *(Prepara-se para sair)*

ROLANDO

É assim que se fala.

JARDINEIRO

É ir ao seu encontro, sem a menor sombra de dúvida e sem qualquer demora. *(Despede-se com um aceno e sai)*

(Solimar e Rolando acenam para o Jardineiro)

QUARTA CENA

SOLIMAR

É ir ao seu encontro. *(Retira o papel do bolso)*
“O Sr. Ángel Carlos de Monterrey, por intermédio de...”

ROLANDO

Não é necessário ler isso a todo momento.

SOLIMAR

É que tenho medo de esquecer o que ainda nos resta do texto da convocação.

ROLANDO

Não esquecerá.

SOLIMAR

E se, num momento de distração, Chachá comer o que ainda restou da convocação?

ROLANDO

Já sabemos o suficiente sobre essa convocação. Não existe nenhum perigo de esquecer.

SOLIMAR

Pode ser. Mas Chachá não é de confiança. (*Pensativo*) Não sabia do que se tratava. Mas quem pode garantir que, ao comer parte da convocação, ela não sentiu um certo prazer, algum tipo especial de prazer, que vem de comer uma convocação expedida pelo Sr. Ángel Carlos de Monterrey?

ROLANDO

Eu não me preocuparia com isso. E aconselho você a não se preocupar também.

SOLIMAR (*desanimado*)

Precisamos cuidar mais da educação de Chachá. Se foi capaz de comer uma parte da convocação, sabe-se lá o que mais ela não será capaz de comer no futuro.

ROLANDO

Sobre a convocação você já sabe o suficiente.

SOLIMAR

Menos que o suficiente, você quer dizer.

ROLANDO

Mais que o suficiente.

SOLIMAR

Não sabemos, por exemplo, onde reside o Sr. de Monterrey.

ROLANDO

Há muitas coisas que ainda não sabemos. E não é por isso que vemos perder o sono.

SOLIMAR

E não sabemos, sequer, se ele tem de fato aqueles bigodes.

ROLANDO

Há de ter bigodes — grandes, vastos bigodes, estendendo-se pela sua cara como as asas de um corvo.

SOLIMAR

E um belo retrato em sua sala, de uma época em que ele era jovem, mas já tinha os grandes bigodes.

ROLANDO (*volta-se e olha para a janela ao fundo*)
Certamente.

SOLIMAR

Em sua sala, na casa da montanha.

ROLANDO

Em sua casa, numa grande fazenda de que ele é por certo o proprietário, quem sabe até nos Estados Unidos.

SOLIMAR

Espero que ele não viva em Yakutsk. Dizem que faz muito frio em Yakutsk e que é difícil chegar lá.

ROLANDO

Com certeza.

SOLIMAR

Como se vai até os Estados Unidos?

ROLANDO (*amuado*)

Já te expliquei como se vai.

(Pausa)

SOLIMAR (*volta-se também e olha para a janela*)

Então é preciso que nos ponhamos a caminho.

ROLANDO (*aponta uma direção qualquer*)

Precisamente. É preciso que nos ponhamos a caminho. Seguiremos naquela direção.

SOLIMAR (*aponta outra direção*)

É melhor aquela direção.

ROLANDO (*pensativo*)

Sim, pode ser. Por que não?

SOLIMAR

Claro. Por que não?

(Hesitam. Seguem na direção apontada por Solimar. Retornam. Seguem na direção contrária e saem)

FIM DO TERCEIRO QUADRO

QUARTO QUADRO

Mesmo local do segundo quadro, com a parede ao fundo, de pintura escalavrada e suja, e a porta à esquerda, fechada. Almerinda, com uma vassoura na mão, e Elpídio estão parados à direita, em silêncio. Fazem gestos, como se tivessem interrompido uma conversa. Almerinda faz um aceno com a cabeça e começa a varrer.

PRIMEIRA CENA

ELPÍDIO

E eu lhe digo mais: não é nada fácil. Não é nada fácil um indivíduo andar por aí, metido com suas preocupações, com suas caraminholas, e pessoas andarem ao seu lado ou em seu encalço, perguntando, querendo saber o que ele faz e, frequentemente, inventando boatos e dizendo que ele realizou coisas que na verdade nunca fez.

ALMERINDA

Concordo com o senhor, Sr. Elpídio, plenamente. Seria bom se os outros se ocupassem somente com os seus assuntos.

ELPÍDIO

Bem, a verdade é que eu não me incomodo com isso. Prefiro me dedicar às minhas ocupações. Ora, no mais...

(Pausa)

ALMERINDA

No mais, Sr. Elpídio?

ELPÍDIO

No mais... ora, no mais... O que eu ia dizendo exatamente? Ah, também não importa agora. Nada disso tem importância.

SEGUNDA CENA

ROLANDO *(entra Rolando, seguido por Solimar)*

Espero que entre aqueles que andam por aí “inventando boatos” a seu respeito *(solene)* não esteja nos incluindo a nós, Sr. Elpídio. Posso lhe assegurar que nossa intenção sempre foi a mais honesta e talvez a melhor de todas.

SOLIMAR

Até porque nunca inventamos nada a seu respeito.

ROLANDO (*irônico*)

Não tanto por carência de intenção...

SOLIMAR

... mas por pura falta de recursos. (*Ri*)

ELPÍDIO (*severo*)

Ah, caríssimos, não inventaram, mas ilesos é que não passaram. Marotos! Boatos são como pragas ou como uma doença contagiosa: basta que tenham contato com eles, e já estarão imediatamente infectados.

ROLANDO

Hum... Qual é o mal, Sr. Elpídio, que há em querer alguém se certificar de uma coisa de que todos andam falando?

ELPÍDIO

Ora, mas não é verdade que, quando um indivíduo diz serem falsas as coisas que dizem a seu respeito por aí, ele deveria ser ouvido primeiro, ou pelo menos considerado?

SOLIMAR

Perfeitamente, Sr. Elpídio. Ele deveria ser o primeiro a ser ouvido, e devia ser levando em conta.

ROLANDO

Mas por que o senhor se zanga e se aborrece tanto? A gente...

ELPÍDIO

Não me zango, nem me aborreço. Ou, melhor, me aborreço um pouco, mas não até o ponto de me zangar ou de começar a perder o sono.

ROLANDO

Não perder o sono. É o que eu sempre digo. Além do mais, é bem provável que dentro em pouco não estejamos mais aqui, e tudo isso deixará de nos interessar.

SOLIMAR

Tudo isso perderá o interesse para nós — se é que já teve algum interesse.

ROLANDO

Se é que já nos interessou alguma vez.

ELPÍDIO

Pois que seja.

ALMERINDA (*varre*)

É perda de tempo dar ouvidos a esse tipo de gente, Sr. Elpídio. Eu o advirto.

ROLANDO

Você continua a se encarniçar contra nós, pelo visto, não é, Almerinda?

ALMERINDA (*dá de ombros*)

É a preguiça, é o tédio, é o enfado, é o fastio, é a desocupação cotidiana que os torna assim, intrometidos, bisbilhoteiros, entrões.

ROLANDO

Entrões?

SOLIMAR (*fingindo aborrecimento*)

E você sempre a nos tratar com rudeza...

ROLANDO

É. Pelo visto, andamos em círculos. Neste passo, não progrediremos um milímetro sequer.

ELPÍDIO (*impaciente*)

Não é necessário perderem a cabeça por minha causa, venhamos e convenhamos. Vamos dar o dito pelo não dito. E passemos a outro assunto, mais amigável.

ROLANDO

Melhor darmos o não dito pelo supostamente dito, pois, pelo visto, nada se entendeu daquilo que foi dito aqui até agora — se é que alguma coisa foi dita, se é que havia alguma coisa para entender.

ELPÍDIO (*balança a cabeça, impaciente*)

Há tarefas em excesso para cumprir, meu caro Rolando, e não temos tempo a perder com palavórios.

SOLIMAR

Discordo. Não creio que uma convocação — e principalmente uma convocação do Sr. de Monterrey — seja questão apenas de “palavório”.

ELPÍDIO (*espantado*)

Não é a isso que eu me refiro. Refiro-me a outras coisas, a esse... — como direi? — a esse fuzuê do ir e vir, e também do dizer que não diz nada, do...

SOLIMAR

De qualquer maneira, neste momento não vejo preocupação que se deva considerar como mais importante do que uma convocação. E, principalmente, uma convocação do honorável Sr. de Monterrey.

ELPÍDIO (*coça a cabeça*)

Ora. Mas o que é isso? Quem é esse Sr. de Monterrey? Por que ainda não desistiram dessa fantasia? Não veem que tudo o que têm, por enquanto, é somente um fragmento de papel amarrotado — vejam — e rasgado, com uma mensagem obscura que não podem decifrar totalmente?

SOLIMAR (*apalpa o próprio bolso*)

O fato de estar incompleta agora não quer dizer que tenha estado incompleta antes. Muito pelo contrário. Já esteve completa uma vez, e muito completa por sinal, antes de Chachá a ter confundido com um bife.

ELPÍDIO (*confuso*)

Chachá? Quem é Chachá?

ROLANDO

Isso não vem ao caso, Sr. Elpídio. Vem ao caso apenas saber que Chachá comeu uma parte da convocação.

ELPÍDIO

Então, suponho que guardaram na memória — você e Solimar — a parte faltante.

SOLIMAR (*balança a cabeça*)

Mais ou menos, Sr. Elpídio. Não a guardamos propriamente, mas isso não quer dizer que não voltaremos a lembrá-la algum dia, num futuro próximo — ou num futuro distante, ou num futuro qualquer.

ELPÍDIO

Sim, voltarão. Espero que voltem, pelo menos.

ROLANDO

Voltaremos, Sr. Elpídio, embora nossa intenção, neste momento, seja ir, simplesmente, sem voltar a coisa nenhuma.

SOLIMAR

Ir apenas, Sr. Elpídio.

ELPÍDIO

Ir apenas, ir apenas. E por que não?

ALMERINDA (*varre*)

Mas não é possível! Não acredito!

ROLANDO

Claro que é possível!

ALMERINDA

Não é possível! E não me faça perder a paciência, Rolando! Sabe que tudo o que vocês dizem — você e Solimar — não passa de divagação, de conjectura, uma eventualidade, como se diz. (*Com desdém*) Por sorte, não estaremos aqui dentro em breve — minha mãe e eu — e não precisaremos presenciar esse “futuro”.

ROLANDO

É porque você está muito certa de que muito em breve partirão. Invejo a sua sorte, ou melhor, eu poderia até invejá-la, mas a verdade é que também estamos de partida, e pode ser que não haja tempo, nem para você, nem para a sua mãe, de presenciarem coisa nenhuma.

ELPÍDIO

Mas, se não são capazes de lembrar a parte faltante, como pensam em acorrer a essa con-

vocação? Para onde irão, se não têm o endereço desse... desse...

SOLIMAR *(com um suspiro)*

Sr. de Monterrey, Sr. Elpídio. Ángel Carlos de Monterrey. E não o trate assim, como um qualquer, pois temos certeza de que o Sr. de Monterrey é pessoa de muita dignidade e importância.

ELPÍDIO

Como o sabem?

ROLANDO

Nós o sabemos, Sr. Elpídio.

ALMERINDA *(balança a cabeça, em sinal de impaciência)*

Deixem-me trabalhar.

ELPÍDIO

Que seja, então, do tal Sr. de Monterrey. E como sabem..?

SOLIMAR

Estamos certos, Sr. Elpídio. E uma certeza é sempre melhor que nenhuma certeza.

ELPÍDIO

Pois seja. Já quanto a mim, tenho muita coisa para fazer.

ROLANDO

Com certeza. E talvez, quem sabe, mais tarde o senhor encontre um tempinho para nos falar de sua fabulosa invenção. Ainda não desistimos da esperança de que um dia o senhor nos falará de sua invenção.

ELPÍDIO

Qualquer dia eu lhes falarei, caríssimo Rolando. (*Saindo*) Passem muito bem. Até logo, Almerinda.

ALMERINDA

Até logo, Sr. Elpídio.

ELPÍDIO

Até logo a todos. (*Sai*)

TERCEIRA CENA

ROLANDO

Às vezes, chego a pensar que o Sr. Elpídio não construiu máquina nenhuma, que não tem invenção nenhuma. O que você acha, Solimar?

SOLIMAR (*dá de ombros*)

Pode ser.

ROLANDO

Às vezes penso que tudo isso — essa história de invenção e de não sei o que mais — não passa de um blefe. O que acha, Solimar?

SOLIMAR (*dá de ombros*)

Muito provavelmente.

ROLANDO

Então, sendo assim, ao trabalho!

SOLIMAR

Ao trabalho!

ROLANDO

Então, ao trabalho!

SOLIMAR (*sem compreender*)

Sim, ao trabalho!

ROLANDO

Em marcha, portanto!

SOLIMAR

Em marcha!

ROLANDO

Imediatamente!

SOLIMAR

Imediatamente!

ALMERINDA (*varre*)

Dá licença?

ROLANDO

Imediat...

(Almerinda continua varrendo)

SOLIMAR

Imediatamente!

ROLANDO

Ai, mulher, será que você nunca vai parar de nos escorraçar do nosso canto?

ALMERINDA

Com licença.

SOLIMAR

Teoricamente, você é a nossa última esperança, pois também não desistimos de acreditar que você, apesar de o negar, conhece muito bem os segredos do Sr. Elpídio e tem (*solene*) plena condição de nos falar sobre aquele invento.

ALMERINDA (*olha-o, zangada; suspira*)

Mas a que ponto chegamos! (*Interrompe a varredura*) Então, além de me chamarem de intrometida, ainda insinuam que também sou mentirosa?

SOLIMAR

De maneira nenhuma, de maneira nenhuma, Almerinda. Apenas digo que você, se nos tratasse com menos rudeza, com menos ferocidade, poderia nos ajudar um pouquinho mais.

ALMERINDA (*suspira*)

Ajudar você? Por acaso precisam de ajuda? Ora, por acaso o que estão a me pedir poderia ter qualquer utilidade para vocês? Mas a que ponto chegamos!

ROLANDO (*vago*)

Isto está muito complicado, Almerinda. Digamos, sim, que saber o que o Sr. Elpídio tem feito, as invenções que ele tem criado, possa ter alguma serventia para nós, uma pequena serventia, pelo menos. Uma pequena utilidade.

ALMERINDA (*divertida*)

Tal como aquela história de que ele construiu um avião? É isso? Por acaso você está me chamando — além de bisbilhoteira e mentirosa — também de boba?

ROLANDO (*sorri*)

Como é precipitada!

SOLIMAR (*retira o papel do bolso*)

Vou ler para você, mais uma vez, para que compreenda.

ALMERINDA

Não! Não leia nada! (*Com desdém*) Não quero ouvir pela milésima vez essa lorota!

(*Solimar e Rolando se entreolham, espantados*)

SOLIMAR (*severo*)

Como assim lorota, senhorita Almerinda?

ROLANDO

Chamar de lorota uma convocação do Sr. Ángel Carlos de Monterrey? Pois agora eu é que digo: mas a que ponto chegamos!

ALMERINDA (*ameaça-o com a vassoura*)

Então, vá, vá logo no encalço desse seu Sr. de Monterrey e pare de me importunar com essa impertinência.

SOLIMAR (*lê*)

“O Sr. Ángel Carlos de Monterrey, por intermédio de seu representante, convoca...” E o resto.

ALMERINDA

Vá logo, com o seu pedaço de papel, com a sua convocação, com o teu ócio, com o seu fastio, com o seu Sr. de Monterrey.

ROLANDO

Há tarefas em excesso a cumprir, meu amável Solimar, e não há tempo a perder com palavrérios. É o que eu digo sempre.

SOLIMAR (*para Almerinda*)

Então é verdade que você e sua mãe já têm tudo arranjado? E que partirão a qualquer momento?

ALMERINDA (*prepara-se para sair*)

Mais cedo ou mais tarde.

ROLANDO

E que partirão quando tiverem tudo arranjado?

ALMERINDA

Mais cedo ou mais tarde.

ROLANDO

Sabemos.

SOLIMAR

Veja: nós também partiremos mais cedo ou mais tarde.

ALMERINDA

Então faço votos de que tenham uma excelente viagem, uma agradabilíssima viagem, a melhor de todas.

SOLIMAR

É o que pretendemos e o que esperamos fazer.

ALMERINDA

Muito bem. Então, até logo. (*Caminha em direção à saída. Resmunga*) Sr. de Monterrey, blá-blá-blá...

ROLANDO

Por que não, Almerinda? Assim como você e sua mãe. Assim como o Sr. Elpídio. Assim como todos os outros.

ALMERINDA (*volta-se*)

Sim, sim, exatamente.

ROLANDO

O importante é partir, Almerinda. O importante é ir em frente, continuar, marchar para lá — jamais permanecer!

ALMERINDA

Sim, sim, exatamente. Adeus!

ROLANDO

Para o longe, Almerinda.

ALMERINDA

Adeus!

SOLIMAR

Como você e sua mãe, Almerinda.

ROLANDO

Até logo, Almerinda.

ALMERINDA

Passem muito bem.

SOLIMAR

Adeus. E espero vê-la pelo menos uma vez, antes da partida.

ALMERINDA

Pois bem. Talvez. Adeus. *(Sai, carregando a vassoura)*

(Pausa)

QUARTA CENA

SOLIMAR

Então, para onde iremos?

ROLANDO

Há que considerar.

SOLIMAR

Para o norte ou para o sul?

ROLANDO

Vamos ver.

SOLIMAR

Para os Estados Unidos ou para a Rússia?

ROLANDO

Logo logo decidiremos.

SOLIMAR

Para a Mongólia, talvez.

ROLANDO

Vamos ver.

SOLIMAR

Já considerou que o Sr. de Monterrey pode ser um cidadão da Mongólia?

ROLANDO

Difícilmente.

SOLIMAR

Um habitante da Mongólia, pelo menos.

ROLANDO

Pode ser.

SOLIMAR

Como se chega à Mongólia?

ROLANDO (*vago*)

A Mongólia... (*Pausa*) Se você estiver na Patagônia, por exemplo, terá de ir em direção à Bolívia, e atravessará a Colômbia, o Panamá, a Guatemala, o México, os Estados Unidos, o Canadá, o Alasca e, cruzando o Estreito de Bering e atravessando a Rússia, seguirá em direção à Mongólia. No Estreito de Bering terá problemas, pois são 85 km de largura, isto é, de muita água, ouvi dizer. Se não tiver um barco, será preciso recorrer a outro meio, quem sabe, até, atravessar a nado.

SOLIMAR (*faz uma careta*)

Hum. Pouco promissor. E sempre o Estreito de Bering. Porém, se eu estiver na França, não precisarei de um barco.

ROLANDO

Se estiver na França, atravessará a Alemanha, a Polônia, a Ucrânia, a Rússia, o Cazaquistão, e então chegará à Mongólia.

SOLIMAR

Talvez um dia façamos isso.

ROLANDO

Difícilmente faremos isso.

SOLIMAR

Talvez um dia.

ROLANDO

Na Mongólia? Não dá para acreditar que o nobre Sr. de Monterrey viva na Mongólia. O que ele ia fazer na Mongólia, afinal?

SOLIMAR *(dá de ombros)*

Talvez. Sempre há o que ver ou fazer, em qualquer lugar.

ROLANDO

Há muitos lugares no mundo.

SOLIMAR

Muitos países.

ROLANDO

E uma quantidade de cidades.

SOLIMAR

E bilhões de pessoas a morar nos lugares.

ROLANDO

O mundo é vasto.

SOLIMAR

E difícil de percorrer, principalmente quando não se têm sapatos.

ROLANDO

E não é fácil encontrar alguém, com tantos lugares para procurar e tantas caras para examinar.

SOLIMAR

E quando se tem de caminhar a pé e com todas essas pessoas morando nos lugares.

ROLANDO

Sete bilhões de pessoas, dizem.

SOLIMAR

Sete bilhões, é o que dizem. E só um Sr. de Monterrey.

ROLANDO

Com toda a certeza.

SOLIMAR

Na Mongólia ou na China, ou talvez nos Estados Unidos.

ROLANDO

Mas também pode ser que o Sr. de Monterrey — caso more em algum lugar, caso não viva, por exemplo, num barco, sobre um lago ou nos oceanos — more aqui perto, num país vizinho ou na cidade vizinha, talvez aqui mesmo, no próximo quarteirão, ou do outro lado da rua.

SOLIMAR (*desanimado*)

Não creio. Se ele morasse no outro lado da rua, nós já saberíamos.

ROLANDO

Como saberíamos? Por que haveríamos de saber?

SOLIMAR

Creio que saberíamos.

ROLANDO

E por que haveríamos de saber, se nunca perguntamos a ninguém?

SOLIMAR

De algum modo saberíamos.

ROLANDO

Talvez. Este mundo é cheio de possibilidades.
Mas acho estranho.

SOLIMAR

Há possibilidades. Mas é mais provável que
ele more na China, ou na Mongólia, ou até na
Espanha, a julgar pelo nome.

ROLANDO

Vamos ver.

SOLIMAR

Veremos.

(Pausa)

ROLANDO

Há que se pôr em marcha, portanto.

SOLIMAR *(vai até o fundo e se senta junto à parede)*

Há que se pôr em marcha.

ROLANDO *(caminha de um lado para o outro)*

Exatamente.

SOLIMAR (*retira o fragmento de jornal do bolso e lê*)

“O presidente dos Estados Unidos declarou que quer cooperar com a China... na segurança cibernética. Esse tema, que gerou atrito entre os dois países...”

ROLANDO

Não me fale de presidentes. Basta de presidentes. E não quero ouvir declarações.

SOLIMAR (*dá de ombros*)

O presidente da China, o Sr. Xi,...

ROLANDO

Deviam se abster de fazer declarações. São aborrecidas. Não há nenhuma utilidade em fazer declarações.

SOLIMAR

... por sua vez, declarou que...

ROLANDO

Presidentes só existem para fazer declarações. Se não houvesse as declarações, se não tivessem sido inventadas, os presidentes não teri-

am nada para fazer. (*Pausa*) Apenas se sentariam em suas cadeiras e...

SOLIMAR (*suspira*)

Precisamente.

ROLANDO

Eles se levantariam de manhã, vestiriam as calças, o paletó, calçariam as meias, calçariam os elegantes sapatos que usam, e amarrariam a gravata. E depois iriam para algum lugar onde existe uma cadeira. E se sentariam nessa cadeira. E não haveria mais nada para fazer.

SOLIMAR (*distraído*)

Sim, se não houvesse as declarações. Mas o fato é que existem as declarações.

ROLANDO

Sim. É por isso que fazem declarações. O que mais sabem fazer são declarações. (*Pausa*) Mas não há coisa mais estúpida. “Declaro que o sol nasce ao amanhecer e se põe ao entardecer. Declaro que a Lua é redonda como um queijo, que as estrelas são brilhantes e que o planeta Júpiter...”

SOLIMAR

“Declaro que os Estados Unidos, que a China, que o Cazaquistão...” Veja o Cazaquistão.

ROLANDO

Toca a fazer declarações, portanto, embora não haja coisa mais estúpida.

SOLIMAR

Não há nada mais estúpido.

(Pausa)

ROLANDO *(para de caminhar)*

Vamos.

SOLIMAR

Para onde?

ROLANDO *(aponta uma direção qualquer)*

Para lá.

SOLIMAR *(aponta outra direção)*

Para lá, portanto.

ROLANDO

Para lá.

*(Seguem na direção apontada por Rolando.
Retornam. Seguem na direção contrária. Re-
tornam e saem pela outra direção)*

FIM DO QUARTO QUADRO

QUINTO QUADRO

Mesmo local do primeiro quadro, deserto, com a parede ao fundo. Entram Solimar e Rolando.

PRIMEIRA CENA

SOLIMAR (*retira do bolso o trapo de papel*)

Será uma grande jornada, caso ele more na China.

ROLANDO

Finalmente você se deu conta.

SOLIMAR

Também será grande, caso more nos Estados Unidos. Ou na Sibéria. Ou no Canadá.

ROLANDO

Seria muito ruim se ele morasse na Sibéria.

SOLIMAR (*desanimado*)

Além disso, a gente não tem sapatos adequados para ir à Sibéria.

ROLANDO

É verdade. Faltam-nos sapatos. E não temos bicicletas também, nem patinetes, nem passagens de trem, nem passagens de ônibus, nem passagens de avião, nem bilhetes de bonde.

SOLIMAR

Falta-nos sequer o lombo de um burro. *(Pausa)* Então, que você acha que podemos fazer?

ROLANDO *(dá de ombros)*

Vamos esperar, por enquanto.

SOLIMAR

Deve haver algum jeito.

ROLANDO

De quê?

SOLIMAR

De ir. Não é o que você diz sempre? Que é necessário ir a qualquer custo, que é necessário se pôr a caminho — ou Se Pôr a Caminho, com maiúsculas —, não importa quando, nem como.

ROLANDO

É necessário ir. É necessário pôr-se a caminho.

SOLIMAR

Então, o que estamos esperando?

ROLANDO (*dá de ombros*)

Boa pergunta. Pensaremos nisso depois. É o que eu digo sempre.

SOLIMAR

É o que diz sempre. (*Lê*) “O Sr. Ángel Carlos de Monterrey, por intermédio de seu representante”... Quem seria o representante? “... convoca...”

ROLANDO

Convoca.

SOLIMAR

E assim você se convenceu, afinal, de que se trata mesmo de uma convocação?

ROLANDO

Não me convenci. E você não devia gastar o seu tempo lendo e relendo a todo momento esse... esse... essa carta, ou seja lá o que for.

SOLIMAR

Trata-se de uma convocação, como você já reconheceu.

ROLANDO

Não sei se reconheci. Mas seja. Digamos que sim. É chato ouvir você, pela milésima vez, re-ler o texto da convocação e dizer que precisamos ir. Uma vez, apenas, já seria o bastante.

SOLIMAR

Perfeito. Então, em consideração a você, não a lerei novamente.

ROLANDO (*boceja*)

É uma boa decisão. Diria até que é a melhor de todas as decisões.

(*Pausa*)

SOLIMAR

E depois — depois que se esgotarem as possibilidades?

ROLANDO

A que você se refere?

SOLIMAR

Às nossas possibilidades. A certas possibilidades. E depois que se esgotarem?

ROLANDO (*solene*)

Compenetre-se de uma coisa: nunca tivemos possibilidades. Nunca houve nem haverá nenhuma possibilidade para nós, e nenhuma possibilidade estará em questão. Portanto, não há possibilidade a considerar, nem possibilidade para esgotar.

SOLIMAR

É confuso o que você diz. Refiro-me a essas possibilidades de ir.

ROLANDO

Esqueça esse assunto de possibilidades. Concentre-se só no presente. O presente é o que é — o fato, como dizem os sábios —, e não contém possibilidades, a não ser as imaginárias. Já pensou? Não há, portanto, nada em questão a ser considerado ou que seja parecido com uma possibilidade. Com qualquer possibilidade.

SOLIMAR

Afirmo que é muito confuso o que você diz.

ROLANDO

Que importa?

SOLIMAR

Não importa. (*Pausa. Amassa o papel e o atira a um canto*) Então, realmente, não importa, e não há nada que se possa fazer.

ROLANDO

Pelo visto, está começando a compreender.

SOLIMAR (*retira do bolso o fragmento de jornal*)

E também quanto ao presidente dos Estados Unidos.

ROLANDO (*dá de ombros*)

Principalmente, quanto ao presidente dos Estados Unidos. Que temos nós a ver com o presidente dos Estados Unidos? Que importa a você o presidente dos Estados Unidos?

SOLIMAR

Muito bem. E também quanto ao presidente da China, devo crer.

ROLANDO (*aborrecido*)

E também quanto ao presidente da China e a todos os presidentes. E também quanto ao

presidente dos bueiros e ao presidente das convocações. (*Sardônico*) “O Excelentíssimo Senhor Presidente de Todas as Convocações, no uso de suas atribuições, convoca os seus convocados a que...” Também quanto a ele.

SOLIMAR

Mas o Sr. de Monterrey não é um mero presidente, acredito.

ROLANDO

Há que provar essa proposição. “O Presidente das Mil e Uma Convocações, em viagem ao País das Mil e Uma Eventualidades, declarou, por distração, num dia de tédio, que...” Todas as convocações são estúpidas, esta é que é a verdade. E todas as declarações são inúteis. E não há motivo para convocar, e não há nada para declarar, e nenhum motivo para aceitar convocações.

SOLIMAR (*desanimado*)

Com certeza.

ROLANDO

Ouviu? Não há por que convocar. E não há nada para declarar. E não há sentido em fazer

declarações. Nenhum homem minimamente sensato deveria fazer declarações.

SOLIMAR

Com certeza.

ROLANDO

Então, aquiete-se e passe o mais rápido que puder a outro assunto.

(Pausa. Caminham até o fundo e se sentam, encostando-se à parede)

Muito bem. Agora, sim, podemos descansar.

SOLIMAR

E esquecer toda esta confusão, toda esta atrapalhão.

ROLANDO

E nunca mais pensar nesses assuntos. E nunca mais lembrar isso, e tratar imediatamente de passar a outro assunto.

SOLIMAR

Acha que o Sr. Elpídio partirá — finalmente? Quer dizer, acha que ele partirá?

ROLANDO

Que me importa se parta ou se não?

SOLIMAR

Acha que Almerinda e sua mãe também partirão?

ROLANDO

Espero que partam. Sim, seria muito bom que partissem, seria excelente até.

SOLIMAR

Acha que ainda verei Almerinda antes que ela parta?

ROLANDO

Ainda a verá muitas vezes.

SOLIMAR

Então acha que ela não partirá?

ROLANDO

Partirá, mais cedo ou mais tarde.

(Pausa)

SOLIMAR

E quanto ao Sr. de Monterrey?

(Rolando dá de ombros)

*O Sr. de Monterrey tinha um sítio ia ia ô
E no seu sítio tinha um cachorrinho
Era au au au pra cá
Era au au au pra lá
Era au au au pra todo lado ia ia ô*

ROLANDO

Nós o veremos, de um modo ou de outro, mais cedo ou mais tarde. Nós o encontraremos em algum lugar, se tivermos sorte.

(Solimar amassa a folha de jornal e a atira a um canto)

SEGUNDA CENA

CARTEIRO *(entra, apressado, carregando uma grande sacola cheia de envelopes. Para em frente a Solimar e Rolando e se põe a vasculhar a sacola)*

Se não me engano, tinha alguma coisa aqui para você, Solimar.

SOLIMAR

Para mim?

CARTEIRO

Para você. Deixe ver. (*Remexe a sacola*)

ROLANDO

Para você, meu caro Solimar. Que bonito momento! Uma carta para o Solimar! (*Pausa. Aguarda*) Quando o carteiro diz que tem uma coisa para nós, é muito importante ficarmos atentos, pois é a partir de então que começamos de fato a existir. Antes, somos ninguém: e ninguém nos envia coisa nenhuma, e o carteiro nunca diz que tem uma carta para nós, um bilhete sequer. E, de repente, ele aparece e diz que tem uma coisa para nós.

SOLIMAR (*dá de ombros*)

A mim não me importa nem um pouco. (*Canta-rola*)

*O Sr. de Monterrey tinha um sítio ia ia ô
E no seu sítio tinha uma vaquinha*

Que bela vaquinha! E quanto leite os seus úberes não seriam capazes de jorrar!

CARTEIRO (*remexe a sacola*)

Mas não é possível! Devo ter me enganado, Solimar.

SOLIMAR

Com certeza se enganou, senhor Carteiro. Faz exatamente vinte anos que não recebo correspondência nenhuma, quanto mais correspondência que seja entregue por um carteiro.

ROLANDO

Diga-me uma coisa, senhor Carteiro: o correio já voltou a funcionar?

CARTEIRO

Voltou, mas a passos de tartaruga. O senhor Gerente esteve muito deprimido com a morte de sua mãe. Então, eu mesmo tive de assumir as funções — de gerente e de carteiro.

ROLANDO

Que lástima! Mas é uma sorte que o senhor seja assim tão expedito.

CARTEIRO (*remexe a sacola*)

Nem lhe conto, meu caro, nem lhe conto. Não faz ideia do trabalhão que tudo isso tem me dado.

ROLANDO

Um dia, o senhor ainda haverá de entregar uma grande carta, uma bela carta com uma declaração do Presidente dos Estados Unidos, ou do Presidente da China, ou de qualquer outro presidente, sobre algum assunto de grande importância.

CARTEIRO *(remexe a sacola)*

Pois estou para lhe dizer, meu caro, que já devo ter entregue cartas enviadas por muitos presidentes. Inclusive, entreguei uma carta enviada pela própria Rainha da Inglaterra.

ROLANDO

Verdade, senhor Carteiro? Ora! Além de fazer declarações, presidentes também costumam expedir cartas, o mesmo valendo para reis e rainhas?

CARTEIRO *(na atrapalhão, deixa cair a sacola e espalha as correspondências no chão)*

Mas não é possível! *(Abaixa-se e começa a recolher os envelopes)* Que constrangimento!

SOLIMAR

Precisa de ajuda, senhor Carteiro?

CARTEIRO

Obrigado, caríssimo. Não há necessidade. *(Recolhe todos os papéis e os recoloca na sacola. Faz uma expressão de pesar)* Enfim, a verdade é que não havia nada para você, e eu me enganei. É um grande pesar.

ROLANDO

É um grande pesar, senhor Carteiro.

CARTEIRO

Um grande pesar. Até logo, caríssimos. *(Põe a sacola a tiracolo e sai)*

TERCEIRA CENA

(Solimar e Rolando se voltam para a parede, colocando-se de costas para a cena. Pausa longa)

QUARTA CENA

CARTEIRO *(retorna, com expressão de alegria)*

Ah, sim, aqui está! Encontrei. *(Entrega um envelope a Solimar, que se volta apenas para*

olhar e depois retorna à posição inicial, de frente para a parede)

SOLIMAR

Obrigado, senhor Carteiro.

CARTEIRO

É a atrapalhação dos últimos dias, meu bom Solimar.

SOLIMAR

Muito bem, senhor Carteiro. Grato.

CARTEIRO

Passe bem, Solimar. Tenha um bom dia, Rolando. *(Sai)*

QUINTA CENA

SOLIMAR *(amuado)*

Passe bem, senhor Carteiro.

ROLANDO

Um bom dia para você também, senhor Carteiro. *(Pausa)* Enfim, podemos voltar ao nosso assunto. Do que estávamos a falar? Ah, sim:

não tenho declarações a fazer, nunca tive declarações a fazer. E espero nunca vir a ter, etc.

SOLIMAR

Certamente, nunca terá.

ROLANDO

Nunca terei.

(Pausa)

SOLIMAR

Nem declarações, nem viagens, e tampouco sapatos.

ROLANDO

Nem sapatos, principalmente sapatos. E bilhetes de viagem. E passagens de avião para ir aonde quer que seja.

SOLIMAR

Principalmente as passagens de avião.

(Silêncio. A cena escurece gradualmente)

ROLANDO

Principalmente as passagens.

SOLIMAR

Para o longe.

(Pausa)

ROLANDO

Muito bem. *(Pausa)* Então, de quem é a carta?

SOLIMAR *(inexpressivo)*

Não importa.

(Silêncio. As luzes continuam a se apagar até a escuridão total)

FIM DO QUINTO QUADRO
FIM DA PEÇA

Dourados, 2013/2016

Sobre o Autor

Renato Suttana (n. 1966) é escritor, tradutor e professor universitário. Mantém na internet o site *O Arquivo de Renato Suttana*, onde publica textos de sua autoria e de outros autores. Publicou, além de ensaios, narrativas e traduções, os seguintes livros de poesia: *Visita do Fantasma na Noite* (2002), *Bichos* (2005), *Lâmina (e outros poemas)* — ebook (2006), *O anjo de amanhã* — ebook (2007), *Num Círculo do Sol* — ebook (2009), *Fim do Verão* (2009), *Qualquer Um* (2010), *Bicicletas* — ebook (2010), *Coroa de Ruídos* — ebook (2010), *Outros Bichos* (2011), *Conversa de Espantalhos* (2012), *Opinionautas I e II* (2012), *Bichos Imaginários* (2013), *Diário de Buenos Aires* — ebook (2013) e *Rapinário* (2015).